unespciência
abril de 2015 • ano 6 • número 62



Cem anos da Teoria da Relatividade Geral

PROPOSTA EM 1915, MUDOU A MANEIRA DE ENTENDER O ESPAÇO, O TEMPO, A LUZ E O UNIVERSO

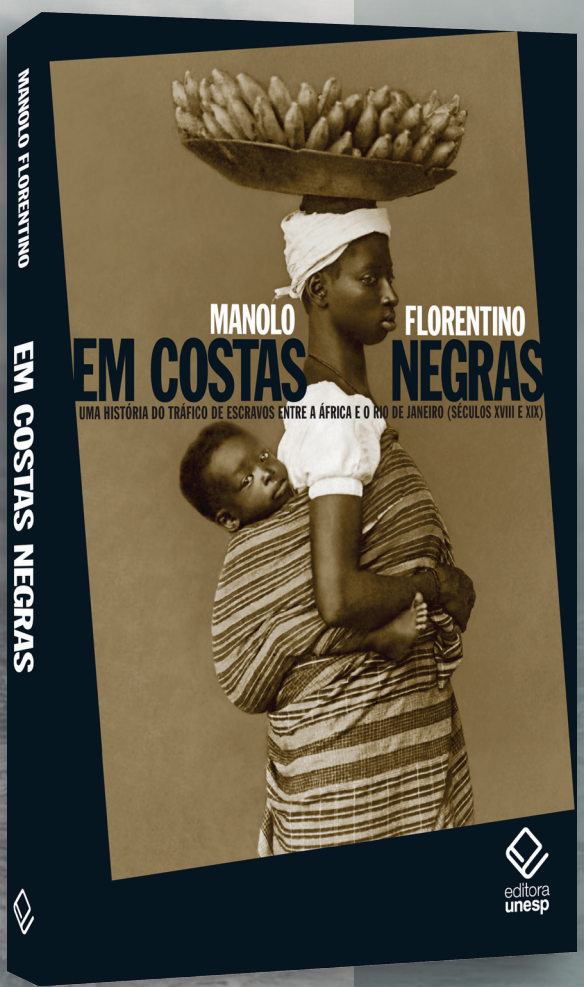
LIVRO REÚNE TEXTOS E DEPOIMENTOS SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR

A IMPORTÂNCIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

EM COSTAS NEGRAS

Manolo Florentino

Uma história do **tráfico negreiro** de escravos entre a África e o **Rio de Janeiro** (séculos XVIII e XIX)



Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa de 1993, a obra traz à luz dados e formulações até hoje negligenciados por clássicos da historiografia brasileira. Por meio de uma leitura cuidadosa de documentos - listagens dos navios negreiros, inventários post-mortem e registros imobiliários - e de uma aplicada metodologia estatística, o historiador vincula, de modo definitivo, o comércio de almas à demanda crescente de mão-de-obra da economia fluminense.

R$ 74,00
14x21
307 páginas

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

Governador
Geraldo Alckmin
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
Márcio França

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Reitor
Julio Cezar Durigan
Vice-reitora
Marilza Vieira Cunha Rudge
Pró-reitor de Administração
Carlos Antonio Gamero
Pró-reitor de Pós-Graduação
Eduardo Kokubun
Pró-reitor de Graduação
Laurence Duarte Colvara
Pró-reitora de Extensão Universitária
Mariângela Spotti Lopes Fujita
Pró-reitora de Pesquisa
Maria José Soares Mendes Giannini
Secretária-geral
Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete
Roberval Daiton Vieira
Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oscar D'Ambrosio

editora unesp
fundação
Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor-presidente
José Castilho Marques Neto
Editor-executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre
Superintendente administrativo e financeiro
William de Souza Agostinho

unespciência
Diretor de redação Oscar D'Ambrosio
Arte Hankô Design (Ricardo Miura)
Assistente de arte Andréa Cardoso
Colaboradores Daniel Patire e Ricardo Aguiar (reportagem); Jezio Hernani Bomfim Gutierre, José Celso Freire Junior, Leonardo Fioresi de Oliveira, Marco Aurélio Nogueira, Maria José Soares Giannini, Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira, Mauro Galetti, Paula Vermeersh, Ricardo Monteagudo, Rodrigo Czajka, Roseane Andrelo, Sandra Flores Gutiérrez, Silvia Maria Giuliatti Winter e Valdemir Pires (artigos); Daniel Patire, Fabiana Manfrim e Vivian Iaki (foto)
Revisão Maria Luiza Simões
Projeto gráfico Hankô Design (Ricardo Miura)
Produção Mara Regina Marcato
Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva
Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio
Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.
www.unespciencia.com.br;
revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica
Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte.

Da memória histórica ao livro digital

Esta edição da revista **unespciência** conecta o passado ao futuro ao longo de suas páginas. Começa com uma homenagem ao professor Fausto Castilho (1929-2015), um intelectual que, entre outras ações, esteve profundamente ligado à célebre visita do filósofo francês Jean-Paul Sartre a Araraquara, em 1960.

Em seguida, dentro do espírito da entrega à presidente Dilma Rousseff do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade, conta o lançamento pela Universidade de livro com textos e depoimentos sobre os anos da ditadura civil-militar (1964-1985) na Unesp.

Mas a Universidade, ao olhar para o seu passado, ergue o futuro. Prova disso são os artigos sobre a internacionalização de instituições de ensino superior do Brasil e sobre a mulher na pesquisa. Reportagens tratam ainda da intoxicação por carne de baiacu, dos Cem Anos da Relatividade Geral e do massacre no México de 43 estudantes normalistas.

Passa-se em seguida a textos sobre Arte e Cultura, como os projetos premiados de jovens designers da Unesp, concurso que envolve os elos entre comunicação e criatividade, e a um dossiê em que pesquisadores de diversas áreas do conhecimento analisam filmes que concorreram ao Oscar.

Ainda no campo da busca por novas fronteiras de conhecimento, é possível encontrar textos sobre histórias do Atlântico português, hibridismo em arte, elos entre arte e Arteterapia e uma imagem do Câmpus da Unesp em Jaboticabal.

Para encerrar, um novo começo, com um texto que ressalta a importância da acessibilidade digital gratuita, destacando o programa Scielo Livros, que obteve, desde 2012, 32 milhões de downloads de 570 títulos, sendo mais de 8 milhões referentes apenas a edições da Editora Unesp. É olhando para esses números que convidamos o leitor a interpretar o passado como um degrau para um futuro melhor.



6
HOMENAGEM
Fausto Castilho (1929-2015), dínamo institucional
MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



10
MEMÓRIA
Livro sobre a ditadura civil-militar, por DANIEL PATIRE
Apenas o começo – PAULA VERMEERSCH



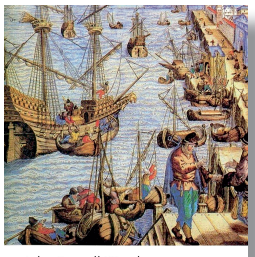
22
FÍSICA
Cem anos da Relatividade Geral, por RICARDO AGUIAR



48
FOTO DO MÊS
Unesp de Jaboticabal, por LEONARDO FIORESI DE OLIVEIRA



28
DOSSIÊ MÉXICO
Ayotzinapa ¡Por un México que tiene que despertar! – SANDRA FLORES GUTIÉRREZ
Comentário sobre o massacre do México – RICARDO MONTEAGUDO
O carnaval mexicano de Jessica Lange – OSCAR D'AMBROSIO



43
LEITURA
Histórias do Atlântico português, de John Russell-Wood



14
INTERNACIONALIZAÇÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL
JOSÉ CELSO FREIRE JUNIOR



20
SAÚDE
Intoxicação por carne de baiacu possui alta taxa de mortalidade



32
DESIGN
Mostra Jovens Designers



44
PESQUISA
Hibridismo: aplicação em arte



46
ARTE E CULTURA
ANA ALICE FRANCISQUETTI
Paixão e perseverança, por OSCAR D'AMBROSIO



38
DOSSIÊ CINEMA
Vítima da preconceituosa sociedade inglesa da época – SILVIA MARIA GIULATTI WINTER
Sobre gênios, guerras, ciência e conflitos pessoais – VALDEMIR PIRES
Stephen Hawking: meu ilustre vizinho – MAURO GALETTI
Boyhood: pequenas e fragmentadas histórias de uma geração – RODRIGO CZAJKA



17
GÊNERO
Personalidades fortes e muita paixão – MARIA JOSÉ SOARES MENDES GIANNINI
Combate à violência contra a mulher – MARIA TERCÍLIA VILELA DE AZEVEDO OLIVEIRA



50
OPINIÃO
O livro digital e a pesquisa científica – JEZIO GUTIERRE



36
RELAÇÕES PÚBLICAS
Comunicação e criatividade – ROSEANE ANDRELO

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



Teatro Municipal de Araraquara, 4/9/1960: Fausto Castilho, Jean-Paul Sartre, Jorge Amado, Simone de Beauvoir, Paulo Guimarães da Fonseca e Luiz Benedito Orlandi (*Da esq. para dir.*)

© STAEPE - Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão/FCL/Araraquara

Fausto Castilho (1929-2015), dínamo institucional

O FILÓSOFO FAUSTO CASTILHO, FALECIDO NA PRIMEIRA SEMANA DE FEVEREIRO, EM CAMPINAS (SP), FOI UM PERSONAGEM ÍMPAR DA HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA.

Antes de tudo, foi um pensador, um modelador de ideias, um frequentador das grandes correntes do pensamento contemporâneo, em particular de Martin Heidegger, que muitos consideram o principal filósofo do século XX. Fausto se encarregou da primeira edição bilingue (alemão-português) de *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*] (Unicamp e Vozes), magnum opus de Heidegger, à qual se dedicou durante três décadas, minuciosamente.

Seu espírito inquieto e provocador revelou-se de forma plena no episódio de que nasceu a Conferência de Araraquara, de Jean-Paul Sartre, publicada no Brasil pela Editora Unesp/Paz e Terra.

Sartre era o filósofo da hora em 1960. Veio ao Brasil, onde ficou por quase três meses. Em Recife, recebeu uma carta de Fausto Castilho com uma pergunta filosófica sobre as relações entre o existencialismo e o marxismo, tema associado ao livro *Crítica da Razão Dialética*, que acabara de ser publicado em Paris. A pergunta

Marco Aurélio Nogueira é professor titular de Teoria Política e diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Unesp.

Artigo publicado originalmente em http://goo.gl/3Fvw6W

foi refeita por telefone, com Sartre já no Rio de Janeiro, e depois pessoalmente, em São Paulo.

Fausto gostava de contar a história. "Sartre me disse que a pergunta era complexa demais e que só poderia respondê-la pessoalmente, numa conferência. Convidei-o, então, a ir para Araraquara", em cuja Faculdade de Filosofia (hoje incorporada à Unesp) Fausto era professor. "Sartre fez questão de responder à minha pergunta pessoalmente em uma conferência, que ele preparou na biblioteca de meu apartamento."

Em 4 de novembro de 1960, Sartre foi a Araraquara. E proferiu na Faculdade a prometida conferência, assistida, entre outros, por Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso e Antonio Candido.

Fausto Castilho foi um apaixonado pelo ensino e pela pesquisa. Em 1947, viajou para Paris, para uma longa estadia. Em 1949, aconselhado pelo filósofo Merleau-Ponty, seu amigo, seguiu para Friburgo, na Alemanha, a fim de estudar com Martin Heidegger (1889-1976). Retornou ao Brasil em 1952. Lecionou na UFPR (Universidade Federal do Paraná), na USP, na Unesp (Universidade Estadual Paulista) e na Unicamp.

Foi também um construtor institucional, um dinamizador da vida acadêmica. Ajudou a organizar a Unicamp e em particular o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, do qual foi o primeiro diretor (entre 1969 e 1972). Aposentou-se como professor emérito.

Tive a satisfação de tê-lo como amigo e colega na Unesp, sempre o admirando pela argúcia, pela disposição intelectual e pela flexibilidade política.

Parte expressiva do pensamento institucional e da ideia de universidade de Fausto Castilho pode ser encontrada no livro *O conceito de universidade no projeto da Unicamp* (Editora da Unicamp, 2008), que resenhei para *O Estado de S. Paulo*/Cultura em 8/3/2009, logo depois de seu lançamento.

A título de homenagear esta bela figura de intelectual público, a revista **unespciência** republica essa resenha.

A UNIVERSIDADE, ENTRE PROMESSA E REALIDADE SOBRE O CONCEITO DE UNIVERSIDADE NO PROJETO DA UNICAMP,

DE FAUSTO CASTILHO.

O que esperar da universidade no século XXI? Que contribuição poderá dar a este século que se anuncia sob a égide da ciência, da racionalidade técnica e de categóricas exigências educacionais?

Nascida como ideia nos primórdios da era moderna, vinda das entranhas da Idade Média, a universidade só ganhou corpo e conceito claro – como instituição de pesquisa e estudo, não só de ensino – no correr do século XIX, fase demarcada pelo celebérrimo Memorando de Guilherme de Humbold, que é de 1808-1809. Desde então, esteve sempre no centro das atenções e das controvérsias.

A UNIVERSIDADE SÓ GANHOU CORPO E CONCEITO CLARO NO CORRER DO SÉCULO XIX. DESDE ENTÃO, ESTEVE SEMPRE NO CENTRO DAS ATENÇÕES E DAS CONTROVÉRSIAS

Disseminou-se pelo mundo, mas não de modo imediato e nem segundo um único modelo. No Brasil, por exemplo, chegou com atraso, como reflexo da condição colonial e dos vínculos culturais fortíssimos que o país mantinha com a Península Ibérica, região onde a prevalência da Igreja e da escolástica dificultou a recepção da cultura científica. A universidade moderna encontraria, por aqui, um "complexo de determinações de longo prazo" que decretariam sua "multissecular inexistência" – processo que só conheceria reversão nos anos 30 do século passado, com a criação da Universidade de São Paulo.

Este o principal eixo argumentativo do belo livro de Fausto Castilho, emérito da Unicamp, ex-professor de filosofia na USP e na Unesp, ativo participante da formulação do plano geral

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



Em setembro de 2001, o *Painel*, Boletim Informativo da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara fez um Encarte Especial lembrando os 41 anos da passagem de Jean-Paul Sartre por Araraquara

da Unicamp e da organização de sua área de humanidades, entre 1967 e 1972. Estruturado como um diálogo conduzido pelo também filósofo Alexandre Guimarães de Soares, o livro é mais que uma análise das origens desta que forma, com a USP e a Unesp, o miolo do sistema universitário brasileiro. Trata-se sobretudo de uma erudita e instigante reflexão sobre os dilemas da universidade no Brasil, os obstáculos que se antepuseram à sua evolução, os líderes que lutaram por sua criação, entre os quais Fernando de Azevedo, Arthur Neiva, Júlio de Mesquita Filho e Darcy Ribeiro. Precisamente por isso, ajuda-nos a descortinar o estado atual e as possibilidades futuras da instituição.

> A DURA REALIDADE DOS FATOS CONSPIRA CONTRA A IDEIA, E UM PERMANENTE DESCOMPASSO APARECERIA ENTRE "O MOMENTO DA CONCEPÇÃO E O MOMENTO DA IMPLEMENTAÇÃO"

Há nele um segundo eixo argumentativo: os projetos com que a ideia ganhou materialidade entre nós – a começar do da USP, mas também dos da UnB e da Unicamp – sempre contiveram rigor, desprendimento cívico e compromissos consistentes, mas acabaram por ser travados quando levados à prática. A dura realidade dos fatos conspiraria contra a ideia, e um permanente descompasso apareceria entre "o momento da concepção e o momento da implementação". O argumento encontra apoio no famoso discurso que Júlio de Mesquita Filho proferiu na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, em março de 1958, quando constatou a existência de "desvios metodológicos que alteraram fundamentalmente os objetivos que os fundadores tinham em vista".

Põe-se, assim, um problema: teriam sido os projetos "excessivos" para as condições nacionais? Ou teria havido falta de clareza e de vontade política?

Para os pais fundadores e para Fausto Castilho, algumas cláusulas pétreas compõem o conceito de universidade moderna. Primeiro, ela deve ser "integral, isto é, situar-se no topo do sistema educacional, tendo como base todo o conjunto das escolas de nível inferior". Também precisa ser uma "instituição de estudo que, antes do mais, faça pesquisa sobre a

totalidade dos conhecimentos humanos e não se limite à qualificação profissional". Além disso, deve constituir "um organismo centrado", cujas partes componentes precisam estar dispostas "em torno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, lugar de cultivo de todas as disciplinas básicas". Seus docentes, por isso, devem ser também pesquisadores, cientistas, criadores de conhecimento, mais que professores ou difusores de saber.

Tal concepção foi recebida, ao longo do tempo, com entusiasmo mas também com ceticismo, como se faltasse confiança no país ou houvesse adesão a um enfoque imediatista, técnico e profissionalizante, que muitos achavam mais condizente com as necessidades do desenvolvimento. Ênfase em demasia será dada aos arremedos de universidade construídos durante o século XIX: as escolas superiores isoladas, profissionais, concentradas no ensino, que cobrarão um preço para ingressar na nova estrutura acadêmica. Antes de tudo, estas escolas não aceitarão nem a precedência, nem a função científica integradora da Faculdade de Filosofia. Serão assim mesmo incorporadas, numa espécie de concessão que terminaria por modelar a "concepção brasileira de ensino superior", que permaneceria atrelada a uma visão não universitária, ao menos em um primeiro momento.

Com o passar do tempo, as coisas se complicaram. E em vez de corrigidas, as falhas e concessões se aprofundaram, vis-à-vis as novas circunstâncias sociais do país. O "ensinismo", o profissionismo e o isolacionismo – marcas de uma concepção de educação superior que prescinde da universidade – seriam turbinados pela "avassaladora privatização das escolas" e pela pressão social por ensino superior. O próprio aparelho educacional terminaria por ser "politicamente depredado". É onde nos encontramos hoje.

Fausto Castilho sabe que muito se construiu ao longo do tempo. Sua postura recusa o ceticismo. Ele observa a história, esmiúça conceitos e busca deixar um registro pessoal de sua experiência na fundação da Unicamp. Oferece-nos um parâmetro para que se aborde a questão com os olhos para a frente.



Fausto Castilho, Sartre, Simone de Beauvoir e Luiz Pereira

A ideia de "universidade ampla", apoiada na reorganização dos três graus educacionais como um processo único, foi a maior promessa dos projetos de construção universitária no Brasil. Não é por acaso que o livro termina com sua celebração. Em que pesem os obstáculos, ela continua a ter "uma atualidade gritante".

FAUSTO CASTILHO SABE QUE MUITO SE CONSTRUIU AO LONGO DO TEMPO. SUA POSTURA RECUSA O CETICISMO. ELE OBSERVA A HISTÓRIA, ESMIÚÇA CONCEITOS E BUSCA DEIXAR UM REGISTRO PESSOAL

Mas ideias não se convertem em fatos materiais sem dor e sofrimento, assim como sem sujeitos que briguem por elas. Valem também pelo que prometem. Não seria acaso oportuno, pergunta-nos Fausto Castilho, retomar o exame do modelo educacional na perspectiva da "universidade ampla"? É uma pergunta contundente, e ao propô-la seu livro ganha uma luminosidade adicional. UC

© STAEPE - Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão/FCL/Araraquara

DANIEL PATIRE | COLABORAÇÃO OSCAR D'AMBROSIO



Pré-lançamento na Reitoria: secretário estadual de Educação, Herman Voorwald; reitor Julio Cezar Durigan; e um dos autores, Clodoaldo Meneguello Cardoso

© Fabiana Manfrim

Livro sobre a ditadura civil-militar

OBRA REÚNE ENSAIOS E DEPOIMENTOS SOBRE O PERÍODO 1964--1985 NA UNESP

Foi realizado, na manhã de 12 de março, na Reitoria, o pré-lançamento do livro *Tenho algo a dizer: memórias da Unesp na ditadura civil-militar (1964-1985)*, que traz quatro ensaios e 11 depoimentos sobre o período. Estiveram presentes, o reitor Julio Cezar Durigan, a vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge, o secretário estadual de Educação, Herman Voorwald, e a coordenadora do Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Unesp, Sonia Maria Troitiño Rodriguez, além de pró-reitores, assessores e integrantes do Gabinete da Unesp.

"Trazer a memória à tona, como faz este livro, é fundamental", destacou o Secretário. "Este tipo de trabalho resgata a história da Universidade e traz ensinamentos para o futuro", apontou o reitor Durigan. "A obra é essencial e se insere entre as principais ações do Cedem", destacou Sonia. "Foi com muito orgulho que participei da célebre Operação Andarilho, relatada pelo Reinaldo Ayer de Oliveira em um dos depoimentos que constituem o livro", apontou a vice-reitora Marilza.

A obra, publicada pela Cultura Acadêmica, braço editorial da Editora Unesp, tem como autores Clodoaldo Meneguello Cardoso, Antonio Celso Ferreira, Anna Maria Martinez Corrêa e Maria Ribeiro do Valle. "O apoio da Reitoria da Unesp foi essencial nesta publicação", destacou Cardoso, que coordena o Observatório de Educação em Direitos Humanos da Unesp. "O trabalho de coleta dos depoimentos foi fascinante e ensina muito sobre a

nossa instituição", completou Maria Ribeiro.

Os ensaios do livro tratam, respectivamente, de 'Pelo direito à memória e à verdade na Unesp', de Cardoso, professor aposentado do departamento de Ciências Humanas da Unesp em Bauru; 'A universidade nos tempos da Guerra Fria e da Ditadura Militar', de Ferreira, professor titular da Unesp de Assis; 'Institutos Isolados, Unesp e ditadura', de Anna Maria, professora aposentada da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Unesp de Araraquara; e 'Tenho algo a dizer sobre a ditadura na Unesp', de Maria Ribeiro, professora assistente doutora da mesma FCL, também responsável pelas entrevistas dos depoentes.

Os depoentes são: Onosor Fonseca, Ulisses Telles Guariba Neto, José Roberto Tozoni Reis, João Francisco Tidei Lima, Antonio Quelce Salgado, Luís Carlos da Rocha, José Sterza Justo, William Saad Hosne, Reinaldo Ayer de Oliveira, Antônio Luiz Caldas Júnior e Luis Carlos Ferreira de Almeida.

LANÇAMENTO E DEBATE

O lançamento ocorreu no Centro de Documentação e Memória da Unesp, em SP, seguido de debate sobre o projeto de pesquisa 'Tenho algo a dizer: memórias da Unesp na ditadura civil-militar (1964-1985)' (São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2014), realizado em 2013 e 2014 pelo Cedem – Centro de Documentação e Memória e o OEDH – Observatório de Educação em Direitos Humanos, ambos da Unesp. Cardoso, Ferreira e Maria Ribeiro participaram do evento, que contou também com a coordenadora do centro, Sonia Maria.

"A obra e, sobretudo, o projeto têm o objetivo de permitir um diálogo entre essa geração que viveu sob a ditadura civil-militar e os jovens", explicou Cardoso. "Precisamos fazer uma reflexão ampliada se essa é a democracia pela qual lutamos e qual é a que a juventude de hoje quer."

Para o professor aposentado da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Câmpus de Bauru, o livro tem a importância de trazer ao debate público fatos vivenciados nos institutos que formam a Unesp, por professores, servidores e alunos, além da própria formação da Universidade. "Precisamos fazer uma reflexão mais ampliada sobre a própria história da Universidade e da democracia no Brasil", sentenciou Cardoso. "Temos que conseguir enxergar além dos fatos isolados. Nossa democracia, assim como a Unesp, é muito jovem e precisa de mais cuidado."

A PUBLICAÇÃO TEM O OBJETIVO DE PERMITIR UM DIÁLOGO ENTRE A GERAÇÃO QUE VIVEU SOB A DITADURA CIVIL-MILITAR E OS JOVENS

Na visão do professor Ferreira, da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, a obra permite a discussão de qual o papel das instituições de ensino superior no país. A partir de uma análise histórica, as universidades e faculdades tiveram um auge de criação no Brasil, no período que vai de 1940 a 1960. E elas assumiam um papel central na formação de um conhecimento emancipatório para a sociedade brasileira.



Antonio Celso Ferreira, Maria Ribeiro do Valle, Cardoso e Sonia Maria Troitiño Rodriguez, no lançamento no Centro de Documentação e Memória da Unesp

© Daniel Patire



© Daniel Patire

APENAS O COMEÇO

Paula Vermeersch

Neste 10 de dezembro, a presidente Dilma Rousseff recebeu, em cerimônia oficial no Palácio do Planalto, os três volumes do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade, instituída por meio da Lei 12.528, de 18 de novembro de 2011. A presidente, em meio a lágrimas, agradeceu os esforços dos membros da Comissão e pesquisadores associados e reforçou, em seu discurso, que, longe de ser um ato de revanchismo de parte das lideranças da oposição à ditadura militar, as atividades da Comissão foram importantes no que denominou "reconciliação do país ao seu passado".

Tais afirmações da presidente não impediram duras ressalvas à iniciativa. Nas redes sociais, minutos depois da transmissão da cerimônia, comentários raivosos reafirmavam que as investigações eram "vingança" contra os que teriam "defendido" o Estado brasileiro contra as "ameaças comunistas" ou outros "flagelos" oposicionistas.

Para além dos ódios destilados na internet (e ataques que foram simbolizados pela invasão criminosa do site da Comissão Estadual da Verdade de São Paulo "Rubens Paiva", enquanto em Brasília ocorria o ato solene), e das críticas recebidas tanto à direita (por oficiais das Forças Armadas e outros setores envolvidos na repressão política) quanto à esquerda (por grupos que se ressentiram de trabalhos mais sistemáticos sobre a repressão a determinados segmentos sociais, como, por exemplo, os de trabalhadores do campo), é necessário, agora, a partir da leitura do Relatório Final, apontar quais os caminhos para o prosseguimento de pesquisas, em outras Comissões.

Destaca-se o fato de que o Relatório apresenta violações a direitos humanos ocorridas no Brasil no período de 1946 a 1988, ou seja, que vai além do tempo da ditadura militar. Os relatores afirmam que práticas como a tortura tornaram-se instrumentos sistemáticos de agentes do Estado brasileiro contra operários, estudantes, mulheres, crianças, camponeses, indígenas e trabalhadores. 377 pessoas foram responsabilizadas pela Comissão Nacional por atos de extrema violência, arbítrio e desrespeito a convenções internacionais, das quais o Brasil nunca deixou de ser signatário, mesmo nos chamados "anos de chumbo". Avançou-se no conhecimento das redes de comando dos órgãos de repressão e dos métodos desta; já no Dossiê de Mortos e Desaparecidos (com 434 casos), as indicações alertam para a necessidade premente de pesquisas mais aprofundadas. Na maior parte dos casos arrolados, o Relatório Final da Comissão da Verdade é promissor: o início.

Paula Vermeersch é professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp de Presidente Prudente e pesquisadora da Comissão da Verdade da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 11 de dezembro de 2014.





© Fabiana Manfrim

Em sua fala no debate do lançamento do livro, a professora Maria Ribeiro, da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, reforçou os argumentos de Ferreira ao expor fatos ocorridos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi), de São José do Rio Preto, que teve cursos fechados e professores demitidos e presos, já em maio de 1964, logo no início do governo militar. A Faculdade passou a integrar a Unesp em 1976, e teve seu nome alterado para Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

A professora coordenou a pesquisa realizada com fontes documentais do Cedem e as entrevistas de professores, ex-professores e ex-alunos da Unesp, gravadas durante mais de 20 horas, em áudio e/ou vídeo. O período pesquisado abrangeu acontecimentos ocorridos pós-1964 nos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo, que deram origem à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", criada em 1976.

Entre as histórias contadas e registradas, Maria Ribeiro destacou duas experiências democráticas vivenciadas pelos institutos da Unesp e rechaçadas pela ditadura. Em 1983, o Câmpus de Assis elegeu o seu diretor de forma direta, com votos de alunos, professores e funcionários. Antonio Quelce Salgado, não pôde assumir a diretoria da unidade, deflagrando um movimento de resistência, que culminou com a expulsão de estudantes e a demissão de professores, como o próprio Salgado.

E, em 1984, o professor da Faculdade de Medicina, Câmpus de Botucatu, William Saad Hossne, foi eleito com 2/3 dos votos da comunidade unespiana, mas seu nome nem foi indicado na lista sêxtupla encaminhada ao governador pelo Conselho Universitário da época.

"O livro é também um marco e um legado da história dos indivíduos, que se transforma em um documento, que servirá de base para se construir a história da instituição, e amplia o direito de acesso à informação", concluiu Sonia, coordenadora do Cedem. UC

Lançamento ocorreu em SP, seguido de debate sobre o projeto de pesquisa *Tenho algo a dizer: memórias da Unesp na ditadura civil-militar (1964-1985)*, realizado em 2013 e 2014 pelo Cedem – Centro de Documentação e Memória e o OEDH – Observatório de Educação em Direitos Humanos, ambos da Unesp.

Acesso ao e-book
http://goo.gl/hg1OWw

JOSÉ CELSO FREIRE JUNIOR



© shutterstock

Internacionalização de Instituições de Ensino Superior no Brasil

Na sociedade do conhecimento em que vivemos, as universidades desempenham papel central no mundo atual, na formação de quadros para a consolidação dos países e desenvolvimento da pesquisa que sustenta a sociedade. Embora o cenário universitário seja bastante heterogêneo, com instituições de ensino superior (IES) de tamanhos e vocações diferentes, um interesse comum se destaca: a internacionalização da educação superior.

Ainda que reconhecida como importantíssima dimensão da educação superior, o verdadeiro significado da internacionalização ainda não é suficiente e adequadamente compreendido. Uma definição que julgo bem descrever o conceito é a da canadense Jane Knight, que define internacionalização como "processo de integração da dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e realização de educação superior".

Esta definição mostra a distância que a maioria das instituições de ensino superior brasileiras ainda tem em relação a uma efetiva internacionalização.

Além disso, como indicou o Prof. José Marques dos Santos, Reitor da Universidade do Porto, em evento realizado na Unesp em 2012, deve-se compreender que "a internacionalização não é um fim 'só por si', mas um instrumento hoje indispensável para cumprir os objetivos estratégicos que emanam da missão de cada universidade".

As universidades de maior prestígio no mundo atuam de forma estratégica para integrar a internacionalização transversalmente em suas estruturas e dinâmicas de funcionamento. Para tanto, contam com unidades e equipes profissionais que atuam em diferentes setores e respondem pelas diversas atividades de internacionalização desenvolvidas por essas

instituições, focadas em objetivos bem definidos, como parcerias interinstitucionais, projetos conjuntos de pesquisa, captação de estudantes internacionais, programas de estudos de curta duração no exterior etc.

A situação no Brasil é bem diferente. Em 2011, quando o Governo Federal lançou o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), com o objetivo de enviar 100.000 estudantes ao exterior, a falta de estrutura adequada para tratar da mobilidade de estudantes – uma das principais atividades do processo de internacionalização das IES – expôs uma grande lacuna ainda existente no país. Poucas instituições contam com um escritório internacional estabelecido, com dotação orçamentária e recursos humanos bem capacitados para desenvolver suas atividades. Muitas instituições tiveram que rapidamente se adequar e criar escritórios de relações internacionais, tanto para operar as atividades associadas ao programa CsF, como para acolher as inúmeras delegações de IES estrangeiras que passaram a vir cada vez mais ao Brasil, em busca de parcerias e de alunos.

Deste modo, pode-se dizer que este programa, ao mesmo tempo em que foi um grande catalisador, também ressaltou o problema da falta de estrutura e, sobretudo, a enorme importância do tema da internacionalização da educação superior no atual cenário internacional.

Mas, se as IES já estão se adaptando para tratar da questão da mobilidade de estudantes, muitas outras atividades internacionais ainda precisam ser mais adequadamente abordadas.

A principal delas é como efetivamente implementar a transversalidade da internacionalização na estrutura e no funcionamento das IES. Como transformar um escritório, que muitas vezes funciona com apenas um profissional, em agente e motor de transformação das instituições.

Em minha opinião, isso depende fundamentalmente da vontade política e do compromisso dos dirigentes da instituição. Este é o primeiro e mais importante passo no caminho do sucesso. A conscientização de todo o ambiente acadêmico para a importância e vantagens associadas à internacionalização da educação superior também tem um papel central, pois apenas com o compromisso de todos os envolvidos pode-se construir um efetivo projeto de internacionalização.

A questão da mobilidade também merece ser aprofundada. O Programa CsF, com a oferta de bolsas de mobilidade no exterior para estudantes e docentes, certamente contribuiu para a internacionalização de parte das instituições. A visibilidade internacional obtida deve poder ser aproveitada para se construir parcerias que contribuam para o processo de internacionalização de cada instituição, levando em conta seus objetivos e vocações.

É importante reconhecer que tanto as grandes IES brasileiras, em que a pesquisa atua como motor de desenvolvimento e nas quais o processo de internacionalização já é mais desenvolvido, como as IES menores e mais voltadas para a formação de pessoas podem e devem se beneficiar das oportunidades trazidas pela internacionalização. Para cada tipo e tamanho de IES, existem oportunidades a ser exploradas.

APENAS COM O COMPROMISSO DE TODOS OS ENVOLVIDOS PODE-SE CONSTRUIR UM EFETIVO PROJETO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Mas é necessário ir além da questão da mobilidade. Outras ações de internacionalização devem ser efetivamente abordadas pelas IES brasileiras. A chamada "Internacionalização em Casa" (Internationalization at Home), que envolve o desenvolvimento de atividades internacionais no câmpus, voltando-se para aqueles que não têm a oportunidade de ir ao exterior. A "Internacionalização do Currículo", que prevê, dentre outras atividades, a inclusão de componentes internacionais nos currículos dos cursos, o ensino de línguas estrangeiras (principalmente o inglês) e o aumento da presença de estudantes e professores estrangei-

JOSÉ CELSO FREIRE JUNIOR



país e tem forte atuação no aperfeiçoamento do intercâmbio e cooperação internacionais e na inserção da educação superior brasileira no cenário mundial. Realiza anualmente a mais importante conferência sobre a internacionalização da educação superior no país, contribuindo de forma efetiva para o processo de internacionalização das IES brasileiras.

A FAUBAI 2014, realizada de 12 a 16 de abril em Joinville (Santa Catarina), contou com cerca de 400 inscritos, 137 deles estrangeiros, representando IES dos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda, França, entre outros países. O evento também contou com a participação dos presidentes das mais importantes associações de educação internacional do mundo – como Fanta Aw da Association of International Educators (NAFSA), Laura Howard da European Association for International Education (EAIE), Helen Zimmerman da International Education Association of Australia (IEAA), Lavern Samuels da International Education Association of South Africa – IEASA, entre outros –, com os quais se discutiu a declaração conjunta "Global Dialogue on the Future of Internationalisation of Higher Education", proposta em 2013, na África do Sul, com bases para uma efetiva internacionalização da Educação Superior no mundo.

É NECESSÁRIO QUE OS RESPONSÁVEIS PELAS ATIVIDADES DE INTERNACIONALIZAÇÃO ESTEJAM CAPACITADOS PARA ESTAS TAREFAS

ros (que passa pela oferta de disciplinas em inglês) são algumas das ações que devem ser desenvolvidas.

Além disso, é de conhecimento da comunidade científica internacional que importantes soluções para problemas comuns relacionados à sustentabilidade da sociedade global como mudanças climáticas, água, alimentos, políticas públicas, energia limpa, saúde, etc. não podem ser obtidas senão com a aglutinação de conhecimentos e experiências de diferentes nações.

Para que tudo isso possa ser realizado de forma adequada, é necessário que os responsáveis por essas atividades estejam capacitados para estas tarefas. É neste contexto que atua a FAUBAI – Associação Brasileira de Educação Internacional. Criada há mais de 26 anos, conta atualmente com representantes de mais de 200 IES de todos os setores (federal, estadual, comunitário e privado) e regiões do

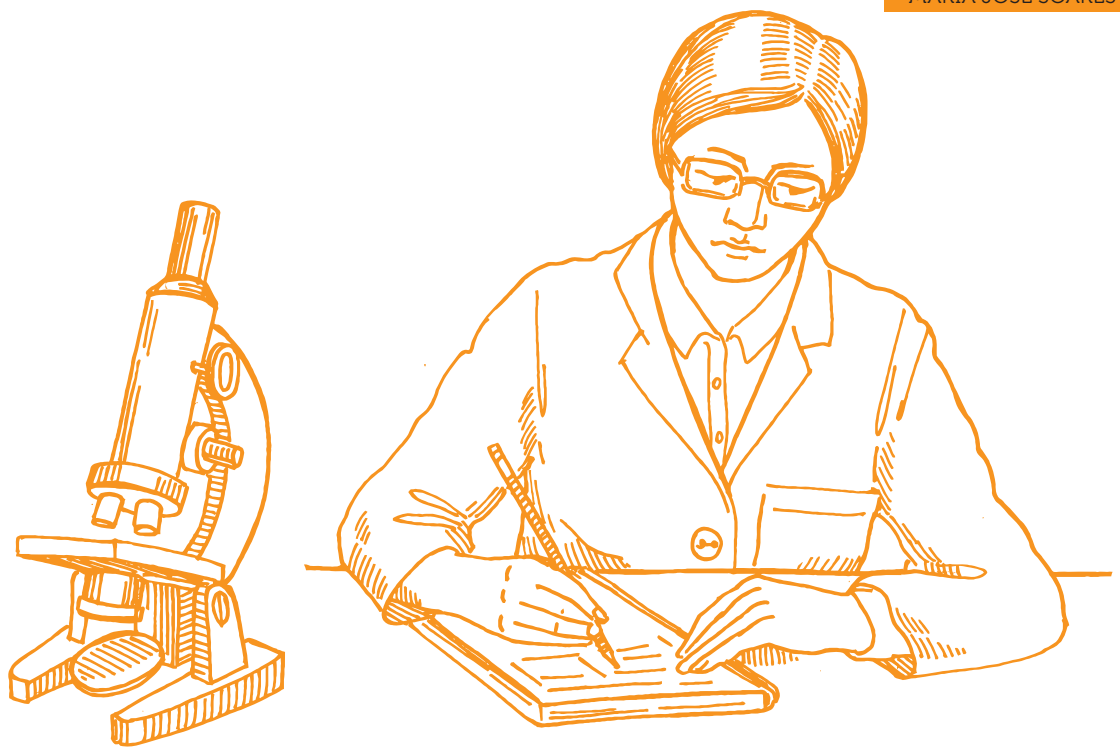
O evento também contou com a importante participação do Sr. Francisco Marmolejo, Coordenador de Educação Superior do Banco Mundial, que proferiu a conferência de abertura sobre Novos Cenários para a Internacionalização da Educação Superior.

A FAUBAI 2015 ocorrerá em Cuiabá (Mato Grosso), de 25 a 29 de abril de 2015, com o tema geral "Criando Parcerias Sustentáveis através de uma Internacionalização Equilibrada" e um número ainda maior de participantes e uma importante representação da América Latina, contribuindo para que a educação superior brasileira alcance cada vez mais padrões internacionais de excelência. UC

José Celso Freire Junior é Assessor-chefe de Relações Externas da Unesp e presidente da FAUBAI (Associação Brasileira de Educação Internacional).

Versão reduzida deste artigo foi publicada no *Estadão Noite* de 31 de outubro de 2014.

MARIA JOSÉ SOARES MENDES GIANNINI



Personalidades fortes e muita paixão

As mulheres têm avançado em todas as áreas, mas há ainda algumas em que a presença feminina é bem menor. O número de mulheres que escolhem as ciências, principalmente as exatas e tecnológicas, é muito mais baixo que o de homens. Enquanto a presença feminina é manifesta em várias áreas do mercado de trabalho, no mundo inteiro, na ciência a estagnação é quase universal.

Nos últimos anos, a situação das mulheres na sociedade experimentou intensas transformações: além do notável aumento da sua escolaridade, houve também inserção crescente e ininterrupta na força de trabalho, incluso as mulheres presentes na produção do conhecimento no Brasil e, em certas áreas, como nas ciências humanas e sociais, a presença feminina é inequívoca e sua atuação expressiva. Nas áreas ligadas à saúde cresceu muito o número de mulheres, e há importantes nomes femininos realizando pesquisas de relevância mundial.

As mulheres têm sofrido ao longo dos anos preconceitos para ocupar espaços na ciência, e o caminho foi extenso e doloroso. As conquistas científicas das mulheres se comparadas às dos homens são bem menores. Entre as mulheres que se destacaram e que sempre ocuparão um lugar de evidência em qualquer pesquisa está a polonesa Marie Curie (1867--1934), que por ser mulher teve negada uma cadeira na Academia de Ciências da França. Ela ficou conhecida por suas contribuições sobre radioatividade. Ganhou o Prêmio Nobel de Física de 1903 e o Prêmio Nobel de Química de 1911, tornando-se a primeira pessoa a conquistar o Nobel duas vezes e em duas áreas diferentes. Em 2009, o prêmio Nobel de Química foi dividido entre três pesquisadores norte-americanos e a israelense Ada Yonath, do Instituto Weizmann, conferindo a mais uma mulher, depois de décadas, a maior premiação que um cientista pode almejar. As conquistas femininas são evidentes hoje e não ficam restritas às pesquisadoras em si. As mulheres vão transpondo barreiras e espaços cada vez mais competitivos em todas as atividades.

Maria José Soares Giannini é pró-reitora de Pesquisa da Unesp.

MARIA JOSÉ SOARES MENDES GIANNINI



Outra cientista que acabou não tendo seu trabalho reconhecido foi Rosalind Franklin, biofísica britânica que foi pioneira em pesquisas de biologia molecular. Ficou conhecida por seu trabalho sobre a difração dos Raios-X; descobriu o formato helicoidal do DNA. No entanto, Maria Mayer (1906-1972) – física teórica alemã – ganhou o Prêmio Nobel de Física por suas pesquisas sobre a estrutura do átomo e Barbara McClintock (1902-1992) – cientista e citogeneticista americana – recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina de 1983 pela descoberta da transposição genética. Gertrude Elion (1918-1999) – bioquímica e farmacêutica britânica – recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina de 1988 pela criação de novos medicamentos. Christiane Nusslein-Volhard (1942-presente), bióloga alemã recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina de 1995 por suas pesquisas sobre genética embrionária. Se compararmos a lista de prêmios Nobel no mundo fica evidente o descompasso entre os gêneros. E qual o porquê disso? Por que há tão poucas mulheres na ciência?

A diferença entre os homens e as mulheres na ciência refere-se a diversos tipos de ganhos que resultam em maior benefício para os homens: a promoção, a obtenção de bolsas de estudo, a ocupação de cargos de chefia ou liderança, que resultam em maiores ganhos salariais. Como exemplo tem-se a classificação conferida pela bolsa de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). À medida que se sobe na hierarquia das bolsas de produtividade, menor é a participação feminina, o contrário ocorrendo com o grupo masculino. No mundo todo, a maioria dos membros das academias de ciências e dos órgãos e institutos responsáveis por conceder bolsas e verbas de pesquisas são homens.

No início de minha carreira vislumbrei um caminho que me fez enfrentar uma série de dificuldades, que vistas hoje me parecem muito distantes das dificuldades enfrentadas pelas mulheres em algumas sociedades. Assim, no início consegui suplantar as primeiras dificuldades e galguei posições acadêmicas mais elevadas, mas a maior dificuldade apareceu quando decidi disputar posições de gestão. Indubitavelmente, esta etapa foi suplantada e hoje vislumbro um caminho de maior relevância do que vislumbrei no início. Este exemplo é verificado em todo o mundo; conforme se avança na carreira científica, encontram-se ainda menos mulheres. A mulher precisa acreditar em si mesma e ser mais determinada que o homem. Independentemente do caminho escolhido, mulheres que conseguiram vidas plenamente realizadas, grande sucesso profissional, e que deram importantes contribuições em suas respectivas áreas, pertencem a um grupo de mulheres com personalidades fortes, que colocam muita paixão naquilo que fazem e são exemplos a serem considerados com muita atenção. UC

MARIA TERCÍLIA VILELA DE AZEREDO OLIVEIRA

Combate à violência contra a mulher

A violência contra a mulher é grave e representa um problema mundial, que não distingue classe social, etnia, religião, idade e grau de escolaridade. Esse fenômeno social é baseado nas desigualdades de gênero, não sendo produto da pobreza ou do álcool e das drogas. Para entender essa afirmação basta acompanhar a mídia que, diariamente, noticia casos extremos, que levam a consequências alarmantes como óbitos e incapacitações. Os estresses traumáticos oriundos dessas agressões não afetam somente a mulher, mas também a família e toda a sociedade.

O Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São José do Rio Preto (CMDM-SJRP), por exemplo, foi criado pela Lei n. 10.530, de 9 de dezembro de 2009, e funciona como uma instância colegiada, de composição paritária e de caráter consultivo de ações técnicas e políticas, vinculada à estrutura da Secretaria dos Direitos e Políticas para Mulheres, Pessoa com Deficiência, Raça e Etnia.

O Conselho, entre suas preocupações, tem a busca de mecanismos de prestar atendimento a homens e mulheres que infrinjam a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006) praticando agressões (físicas, psicológicas, sexuais, morais e patrimoniais).

Para isso, vem discutindo os avanços e desafios no enfrentamento à violência contra a mulher contemplados na Lei Maria da Penha, assim denominada em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, mulher que se tornou o símbolo dessa luta no Brasil. Por meio dessa lei, acabaram-se as sentenças alternativas, alterou-se o Código de Processo Penal e, também, foram permitidas as prisões preventivas dos agressores.

Para que a Lei possa ter maior aplicabilidade, foram apontados alguns caminhos, como prever, nas três esferas de governo, financiamento e orçamento público específicos para programas, projetos e serviços de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar; capacitar e qualificar funcionários da Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher; formar e capacitar a Guarda Municipal, a Polícia Militar e a Polícia Civil sobre a Lei Maria da Penha e sobre o enfrentamento da violência contra a mulher; incentivar a constante mobilização e participação da sociedade civil, das organizações não governamentais (ONGs), associações e dos sindicatos, nas audiências públicas municipais, visando à fiscalização do cumprimento das políticas para as mulheres; introduzir, nas grades curriculares dos Cursos de Bacharelado em Direito e áreas afins, disciplinas sobre Direitos Sociais, com ensinamentos sobre a Lei Maria da Penha e sobre outras questões, como direitos das pessoas com deficiência, da infância, do idoso, etc.; viabilizar, em trabalho integrado de todos os setores, um Programa de Prevenção contra a violência doméstica.

OS ESTRESSES TRAUMÁTICOS ORIUNDOS DE AGRESSÕES NÃO AFETAM SOMENTE A MULHER, MAS TAMBÉM A FAMÍLIA E TODA A SOCIEDADE

Dessa forma, essa legislação, considerada uma das três mais avançadas em todo mundo, e que determina que as políticas públicas para coibir a violência contra a mulher sejam articuladas de forma conjunta entre União, Estados e municípios, terá maiores subsídios para ser realmente cumprida e efetivada. UC

Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira é Membro titular do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São José do Rio Preto e Vice-diretora do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Unesp em São José do Rio Preto.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 1/12/2014.



© Beth Swanson

Intoxicação por carne de baiacu possui alta taxa de mortalidade

HÁ CASOS NO BRASIL E EM PAÍSES COMO TAIWAN, CHINA E JAPÃO

O baiacu ou peixe-bola (pufferfish, boxfish) é um peixe ósseo de distribuição cosmopolita. Existem cerca de 120 espécies e a maioria delas é encontrada em regiões tropicais e subtropicais, incluindo espécies fluviais. Quando ameaçados por predadores, estes peixes podem ingerir água ou ar e aumentar o volume corporal, tomando formato esférico, o que dificulta a ação de peixes maiores.

Adicionalmente, são considerados animais venenosos devido ao fato de poderem armazenar tetrodotoxina (Ttx) e outras neurotoxinas. A Ttx é toxina letal provavelmente sintetizada pelas bactérias contidas nos alimentos ingeridos pelos peixes.

"Ela é acumulada e utilizada como arma de defesa", explica Vidal Haddad Junior, professor do Departamento de Dermatologia da Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu, e autor de diversos trabalhos científicos sobre o tema.

"Mais do que relatar casos ou fazer discussões acadêmicas, as pesquisas têm por finalidade mostrar que não é só no Japão que pes-

soas morrem por comer carne de peixes-bola. Um alerta sobre o tema pode elevar o nível de informação no país e mostrar que não apenas pescadores se intoxicam, ocorrendo casos em vítimas que compram o peixe em mercados", diz o professor.

De fato, apesar da toxidade, algumas espécies de peixes-bola são consideradas uma iguaria. No Japão, por exemplo, o fugu, nome popular do peixe, é um prato caro e preparado por cozinheiros treinados e licenciados. Apesar dos cuidados na preparação, envenenamentos fatais por fugu são comuns no Japão, ocorrendo cerca de 50 mortes anualmente. A ingestão de carne de baiacu pode ser acidental ou intencional (tentativa de suicídio).

A intoxicação por baiacus possui alta taxa de mortalidade. Intoxicações por baiacus são mais comuns no Sudeste Asiático, Taiwan, China e Japão, mas também há relatos de casos nos EUA e na Austrália. No Brasil, onde existem poucos estudos clínicos sobre os envenenamentos e traumas causados por animais aquáticos, os baiacus-lisos da família Tetrodontidae são os mais consumidos.

TOXINA

A tetrodotoxina é encontrada nas vísceras (especialmente gônadas, fígado e baço) e na pele do peixe. É uma toxina termo-estável, que não sofre ação de cocção, lavagem ou congelamento. O nível da toxina é sazonal, e as maiores concentrações são encontradas nas fêmeas no pico da época reprodutiva, fazendo com que a ingestão dos peixes seja mais perigosa no momento anterior e durante o período reprodutivo.

A toxina age bloqueando o lócus extracelular dos receptores de sódio voltagem dependente, impedindo a despolarização e a propagação do potencial de ação nas células nervosas. Esta ação ocorre nos nervos periféricos motores, sensoriais e autonômicos. A toxina tem ainda ação depressora no centro respiratório e vasomotor do tronco encefálico. A morte pode ocorrer devido a paralisia muscular, depressão respiratória e falência circulatória.

ASPECTOS CLÍNICOS

Os sintomas geralmente se iniciam dentro de 6 horas, mas em alguns pacientes podem demorar até 20 horas para se manifestarem. Parestesias periorais, fraqueza da musculatura facial e extremidades, dor abdominal, sialorreia, náuseas, vômitos e diarreia surgem precocemente.

Os pacientes podem apresentar disfunção motora com fraqueza muscular, hipoventilação e disartria. Um quadro de paralisia ascendente ocorre de 4 a 24 horas e paralisia nas extremidades é seguida por paralisia nos músculos respiratórios. "Existem textos que relacionam o efeito paralisante da Ttx com o mito dos zumbis e do vodu no Haiti", diz Haddad.

Tardiamente há disfunção cardíaca e no Sistema Nervoso Central, com hipotensão arterial e arritmias, coma e convulsões. Bradicardia refratária a tratamento, bloqueio do nodo átrio-ventricular e bloqueios de ramo podem ser fatais.

UM ALERTA SOBRE O TEMA PODE ELEVAR O NÍVEL DE INFORMAÇÃO E MOSTRAR QUE NÃO APENAS PESCADORES SE INTOXICAM, OCORRENDO CASOS EM PESSOAS QUE COMPRAM O PEIXE EM MERCADOS

Pacientes com intoxicações graves podem apresentar coma profundo, pupilas fixas e não reativas, apneia e ausência de reflexos do tronco encefálico. Os acidentados que sobrevivem à fase aguda da intoxicação (primeiras 24h), geralmente se recuperam sem sequelas, mas a melhora definitiva pode levar dias para ocorrer. O diagnóstico é baseado na história clínica e no relato de consumo alimentar.

TRATAMENTO

Não há antídoto para a Ttx e o tratamento é voltado aos sinais e sintomas manifestados. Medidas de desintoxicação como lavagem gástrica e carvão ativado podem ser úteis em fases iniciais. Em casos graves, deve-se utilizar a ventilação mecânica e medicações ionotrópicas. UC

Trabalhos científicos do professor Vidal

UC

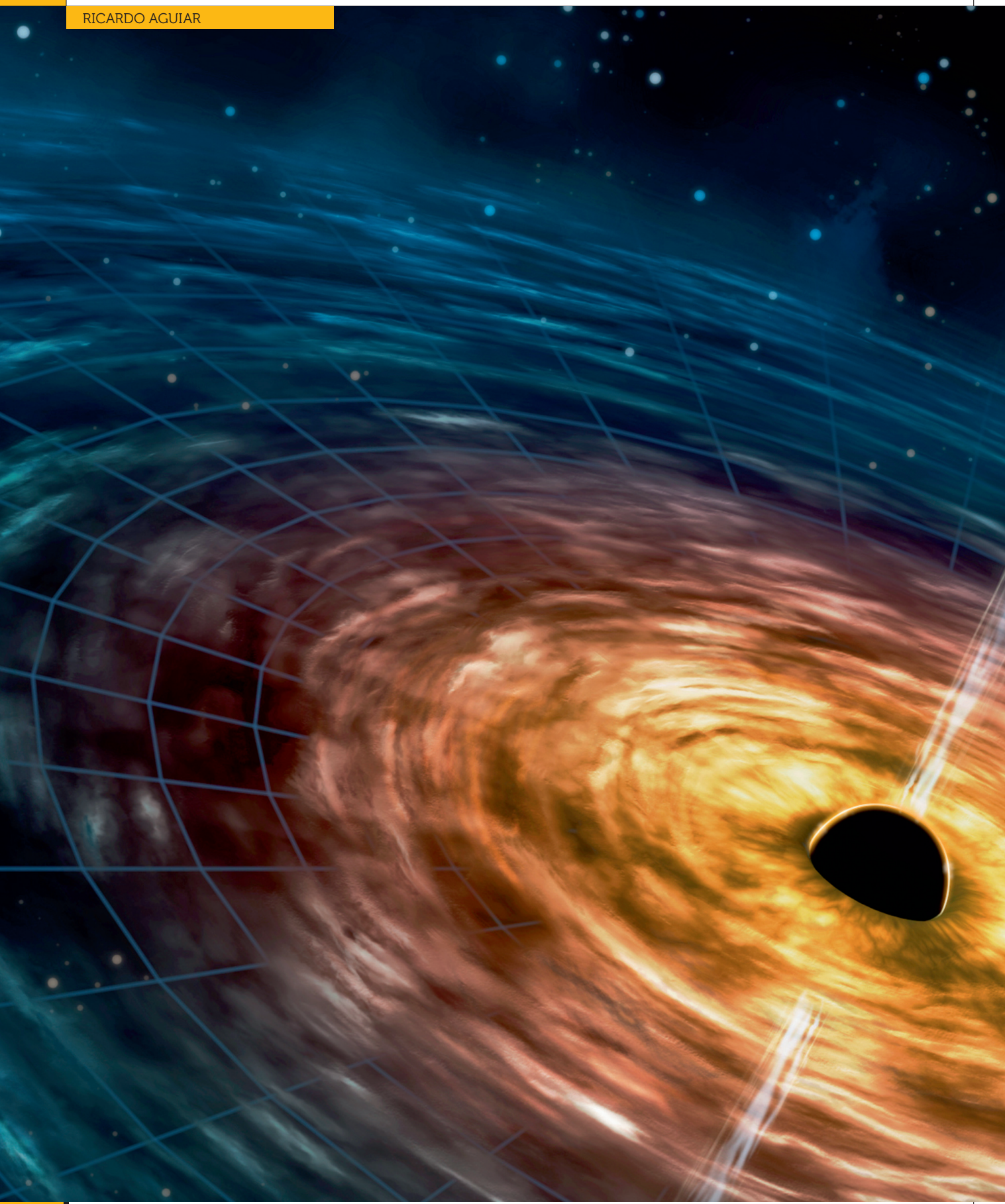
UC

UC

UC

Contatos com o docente: haddadjr@fmb.unesp.br

RICARDO AGUIAR



Cem anos da Relatividade Geral

TEORIA, PROPOSTA POR ALBERT EINSTEIN EM 1915, REVOLUCIONOU A FÍSICA E MUDOU A MANEIRA DE ENTENDER O ESPAÇO, O TEMPO, A LUZ E O UNIVERSO

A Teoria da Relatividade Geral, proposta por Albert Einstein em 1915, revolucionou a Física e mudou a maneira como nós entendemos o espaço, o tempo, a luz e o universo. Cem anos depois ela continua a ter uma importância fundamental, e prevê fenômenos, como as ondas gravitacionais, que foram detectadas indiretamente apenas na década de 1970. Entretanto, há observações que a teoria não explica. Além de ser incompatível com a Mecânica Quântica, a Relatividade Geral não prevê a expansão acelerada do universo e não descreve corretamente a velocidade de rotação de estrelas em torno do centro de galáxias. A melhor solução para esses mistérios são a energia escura e a matéria escura, substâncias cuja existência ainda não foi comprovada.

"Matéria escura e energia escura são maneiras de entender certas anomalias", diz Scott Dodelson, pesquisador norte-americano do Fermilab e professor na Universidade de Chicago. "Na verdade, elas podem nem mesmo existir. Pode ser que a nossa compreensão da gravidade esteja errada e que a Teoria da Relatividade Geral precise ser modificada para que possamos entender o que observamos. Atualmente, uma pergunta fundamental é: será que precisamos modificar a teoria ou será que essas substâncias realmente existem?"

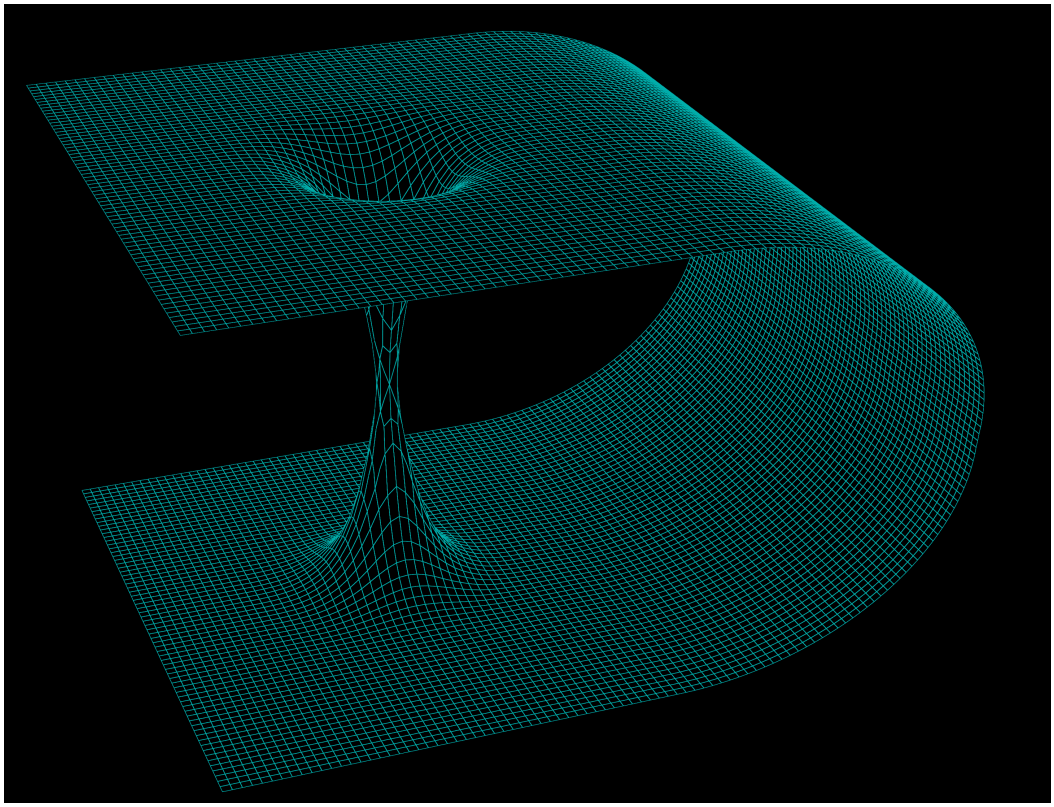
MATÉRIA E ENERGIA ESCURA

Uma das anomalias citadas por Dodelson é a velocidade com que estrelas giram em torno do centro de galáxias. A velocidade real é maior do que a prevista pela teoria para a quantidade de matéria que conseguimos ver – a matéria gera força gravitacional, responsável pelo movimento das estrelas. Quanto mais matéria,

© Andrea Danti



© NASA



© Shutterstock

Foto da Via Láctea vista do hemisfério sul; o círculo azul no centro ilustra onde haveria matéria escura, de acordo com o estudo de Iocco.

maior a velocidade de rotação.

Recentemente esse fenômeno foi comprovado também entre o Sol e o centro da Via Láctea. O trabalho foi feito por Fabio Iocco, do IFT/Unesp e do ICTP-SAIFR, em colaboração com pesquisadores europeus.

"Há uma possibilidade de a matéria escura não existir, mas, para mim, ela é atualmente a melhor explicação, pois descreve o problema para diferentes escalas e corpos astronômicos", diz Iocco. "Não sabemos exatamente o que ela é, mas sabemos que é matéria, por gerar força gravitacional, e que não interage com luz. Acredito que nosso trabalho contribuirá com estudos que buscam compreender o que a matéria escura realmente é e como ela está distribuída no universo".

Outra anomalia é a aceleração de expansão do universo. Para a Relatividade Geral o universo não poderia estar acelerando, pois a matéria como a conhecemos atrai outros corpos, o que desaceleraria a expansão. Os físicos atribuem a aceleração à chamada energia escura, que continua a ser um mistério para a ciência.

ONDAS GRAVITACIONAIS

Uma das previsões corretas da Relatividade Geral são as ondas gravitacionais. Antes da teoria, acreditava-se que o efeito da gravidade era instantâneo. Para isso, a velocidade de propagação da força teria que ser infinita. Em sua Teoria da Relatividade Especial, contudo, Einstein previu que nada viaja em velocidades superiores à da luz. A gravidade teria que se propagar através das ondas gravitacionais.

Por interagirem muito fracamente com a matéria, essas ondas são difíceis de detectar. A comprovação de que elas existiam foi feita em 1974 por Russell Hulse e Joseph Taylor, ao notarem que a órbita de duas estrelas de nêutrons, que giravam uma ao redor da outra, estava diminuindo. O sistema estava perdendo energia, que era liberada na forma de ondas gravitacionais.

Atualmente, grandes experimentos, como o Virgo, na Itália, e o LIGO, nos Estados Unidos, tentam fazer a detecção direta dessas ondas. Como elas causam uma perturbação no espaço ao se propagar, é possível notar seu efeito em um sistema preciso de lasers e espelhos – a onda alteraria a distância entre os espelhos, em cerca de um milionésimo de um bilionésimo de metro, e o tempo para o laser completar o circuito mudaria.

"A detecção direta de ondas gravitacionais seria importante por diversos motivos", diz Riccardo Sturani, pesquisador do ICTP-SAIFR e membro da colaboração LIGO. "Poderíamos ver corpos que não emitem luz, mas que emitem ondas gravitacionais, e poderíamos comparar as ondas observadas com as previstas pela Relatividade Geral para verificar se a teoria está realmente correta."

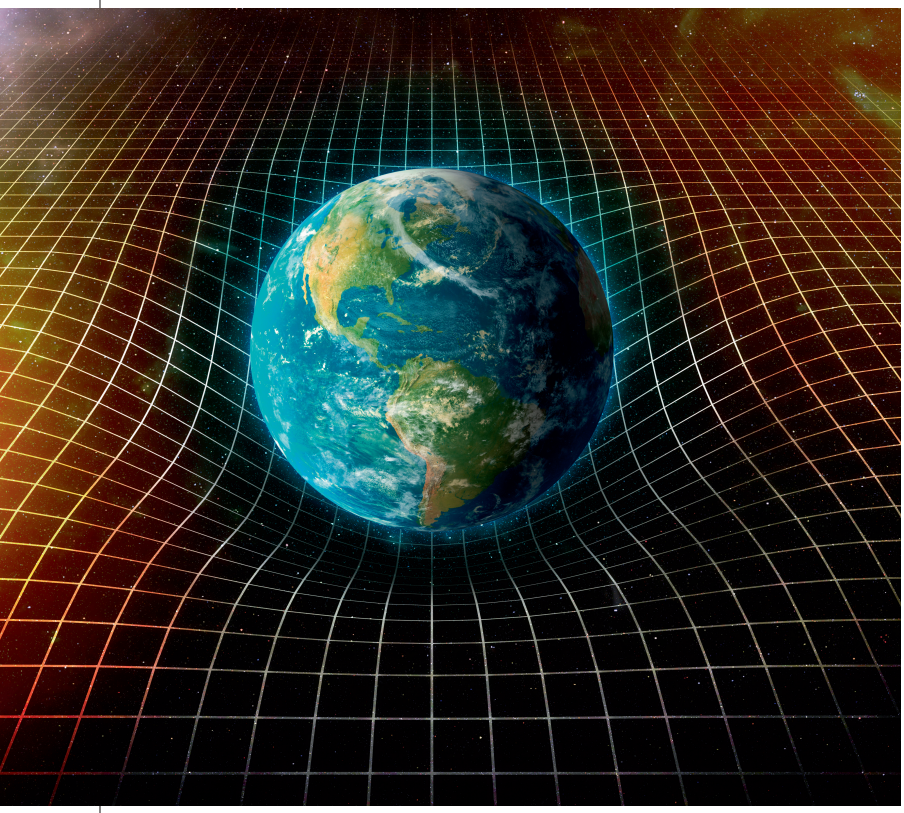
RELATIVIDADE ESPECIAL E GERAL

A Teoria da Relatividade Especial foi formulada por Einstein e outros pesquisadores em 1905 e revolucionou a Física por mudar a forma como vemos o tempo e o espaço.

"Na física newtoniana esses conceitos eram absolutos", diz o físico Alberto Saa, da Unicamp. "Ou seja, independentemente de você estar parado ou em movimento, o tempo passa de forma igual e o espaço é o mesmo. Já a Relatividade Especial, como o próprio nome diz, mostrou que o tempo e o espaço são relativos – eles dependem do observador e de sua velocidade. Quanto mais alta a velocidade de um corpo, mais devagar o tempo passará para ele, e mais o espaço se contrairá à sua frente".

PARA A RELATIVIDADE GERAL, O UNIVERSO NÃO PODERIA ESTAR ACELERANDO, POIS A MATÉRIA COMO A CONHECEMOS ATRAI OUTROS CORPOS, O QUE DESACELERARIA A EXPANSÃO

Depois, com Teoria da Relatividade Geral, a gravidade deixou de ser vista como uma interação entre corpos e passou a ser vista como uma deformação no espaço-tempo. A massa de um corpo é responsável por causar uma



© koya979

A TEORIA DAS CORDAS TENTA COMPLEMENTAR A RELATIVIDADE GERAL PARA EXPLICAR A GRAVITAÇÃO NA ESCALA QUÂNTICA

curvatura que afeta o movimento de outros corpos, atraindo-os para perto de si. Quanto maior a massa, maior a deformação.

Além disso, para Newton, a força gravitacional não influenciava a luz. Já para Einstein, massa e energia são equivalentes – como diz sua famosa equação, energia é igual a massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado, ou $E = mc^2$. Assim, a trajetória de um feixe de luz pode ser alterada pela gravidade.

Uma importante aplicação dessas teorias está nos Global Positioning Systems, os GPSs. Como os satélites que estão em órbita da Terra estão sujeitos a uma força gravitacional diferente da nossa, a teoria de Einstein prevê que seus relógios andariam mais rápido. Quando o primeiro satélite de GPS foi colocado em órbita, o fenômeno foi comprovado experimentalmente. Sem os ajustes que a teoria propõe, o GPS não funcionaria.

OUTRAS TEORIAS

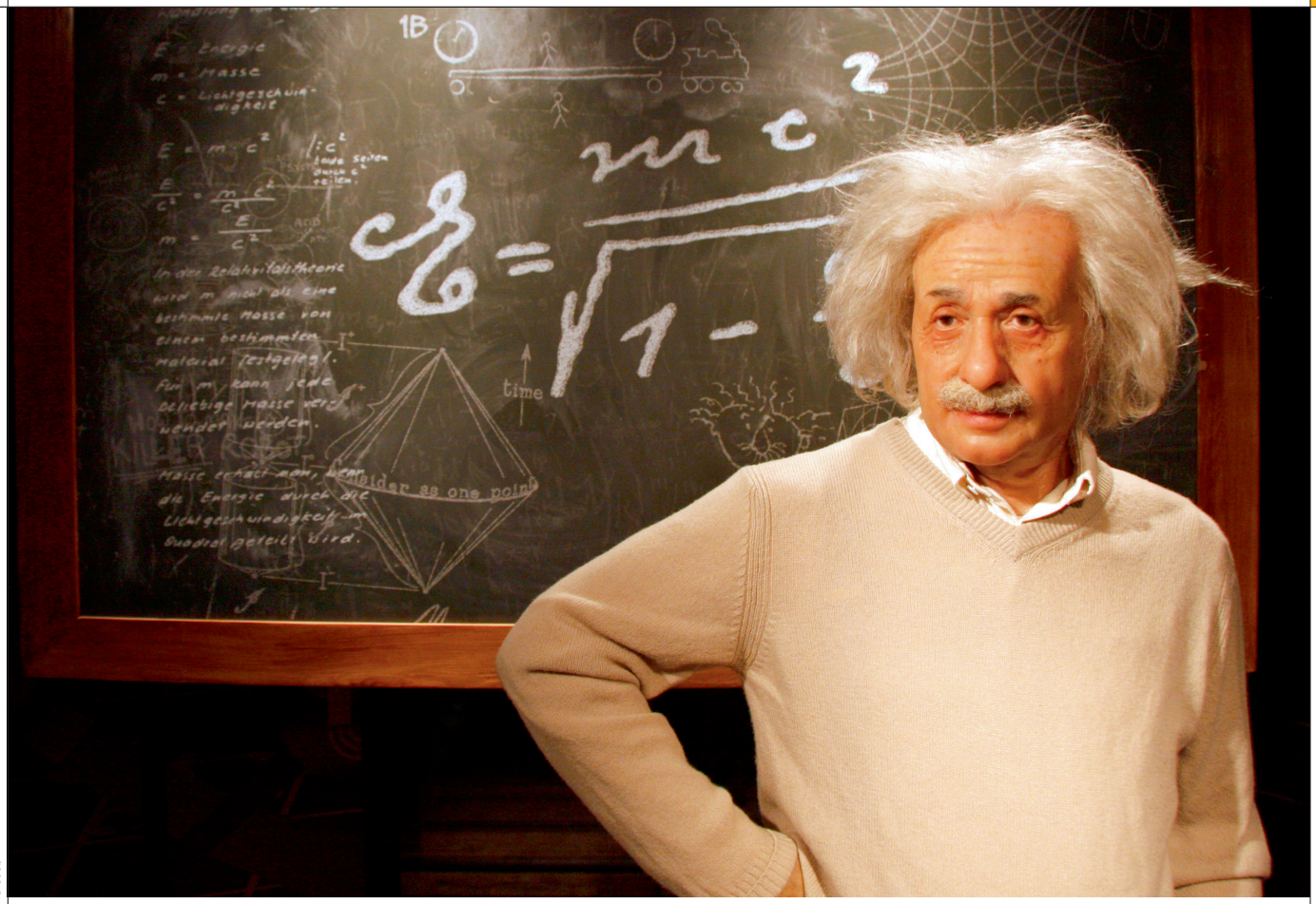
A Relatividade Geral explica fenômenos de escalas macroscópicas, porém não se sabe como aplicá-la em escalas subatômicas. Para estudar esses fenômenos, a Mecânica Quântica é usada. A conciliação entre as duas é um grande desafio para a Física, e algumas teorias, formuladas ao longo do último século, caminham nessa direção.

A Gravitação Teleparalela, ou Teleparalelismo, é uma delas. Criada na década de 1950, ela descreve a gravitação através da torção do universo, e não através da curvatura, como a Relatividade Geral. O Teleparalelismo se encaixa dentro do esquema das Teorias de Gauge, que explicam, por relações de simetria, as demais interações da natureza – a eletromagnética, a Força Fraca e a Força Forte.

"Uma das principais características do teleparalelismo é que, diferente da Relatividade Geral, ele permite separar a gravitação de efeitos inerciais", diz José Geraldo Pereira, pesquisador do IFT/Unesp que, junto com Ruben Aldrovandi, contribuiu para a consolidação da teoria e escreveu o primeiro livro dedicado exclusivamente a ela, *Teleparallel Gravity: An Introduction*, publicado em 2012. "Podemos, assim, definir inequivocamente a energia do campo gravitacional, o que é impossível com a Relatividade Geral. O teleparalelismo também parece ser mais apropriado para estudar fenômenos gravitacionais na escala quântica."

A Teoria das Cordas também é bastante estudada e tenta complementar a Relatividade Geral para explicar a gravitação na escala quântica. Elaborada na década de 1970, ela também é baseada em simetrias e prevê que as partículas são espécies de cordas unidimensionais que estão em constante vibração.

"Atualmente, a Teoria das Cordas é o modelo mais bem aceito para unir a Relatividade Geral com a Mecânica Quântica", diz Nathan Berkovits, diretor do ICTP-SAIFR e pesqui-



© 360b

Em Física, a Relatividade Geral, publicada em 1915 por Albert Einstein, é a generalização da Teoria da gravitação de Newton. A nova teoria leva em consideração as ideias descobertas na Relatividade restrita sobre o espaço e o tempo e propõe a generalização do princípio da relatividade do movimento para sistemas que incluam campos gravitacionais. Esta generalização tem implicações profundas no nosso conhecimento do espaço-tempo, levando, entre outras conclusões, à de que a matéria (energia) curva o espaço e o tempo à sua volta

sador do IFT/Unesp. "Com ela conseguimos prever o espalhamento de ondas gravitacionais, incluindo os efeitos quânticos."

Para Dodelson, a unificação das teorias é um problema teórico, pois não há observações que exijam que elas sejam conciliadas. O pesquisador acredita que ao longo da próxima década, com experimentos em escalas maiores, obteremos mais dados e alguns modelos serão eliminados. A busca por uma "teoria de tudo" continuará.

ATUALMENTE, A TEORIA DAS CORDAS É O MODELO MAIS BEM ACEITO PARA UNIR A RELATIVIDADE GERAL COM A MECÂNICA QUÂNTICA

"Um grande triunfo da Física é sua habilidade de explicar uma abrangente gama de fenômenos com algumas poucas leis", diz ele. "Esse reducionismo atingiria o seu limite se todas as leis pudessem ser unificadas em uma única teoria. O problema é que, na maioria dos casos, a unificação de ideias é difícil, quando não é impossível, de se testar". UC



© Sortica

Ayotzinapa ¡Por un México que tiene que despertar!

Sandra Flores Gutiérrez é Mestranda em Relações Internacionais pela Universidade Nacional Autônoma do México. Encontra-se no Brasil para fazer intercâmbio junto ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Unesp – Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 14 de novembro de 2014.

A morte dos 43 estudantes normalistas en Ayotzinapa, en Iguala, Estado de Guerrero, tem provocado grande indignação no país. É um episódio a mais nas constantes ondas de desaparecimentos, assassinatos, sequestros e massacres que, de maneira tão lamentável, têm corroído a imagem do México nos últimos anos.

O desaparecimento de 43 pessoas em 26 de setembro de 2014 já se manifestava como um fato vergonhoso e angustiante; porém, a confirmação das mortes e do grau de crueldade envolvido (com o assassinato do grupo, a queima dos corpos e o despejo dos restos em um rio), decorrente da ordem de autoridades locais, como o ex-prefeito de Iguala, José Luis Abarca, sua esposa, María de los Ángeles Pineda, além de policiais locais e grupos criminais como os Guerreros Unidos, tem comovido e indignado ainda mais a nação.

Os protestos por justiça já transcenderam o local, e as manifestações se fazem cada vez maiores em ruas e praças públicas do país, inclusive nas mais importantes e simbólicas da Cidade do México. As multidões que se concentram são testemunhas da dor, da indignação e da impotência frente à impunidade de milhares de mexicanos diante de tal barbaridade. Diversos setores, entre eles estudantes secundaristas e de outras instituições educativas do país, professores, organizações civis, entre outros, têm feito sua a tragédia das 43 famílias e traduzem a dor de um México cuja situação atual se lastima profundamente. Também as redes sociais se mobilizam para expressar o mal-estar e sua inconformidade. Ademais, Ayotzinapa se converteu em una imagem triste e de indignação em nível internacional.

O massacre dos estudantes evidencia um

Estado severamente afetado, com um tecido social que já não confia em suas rachadas instituições, que não cumpre as funções para as quais foi criado e está amplamente corroído pelos grupos criminais. O narcotráfico se encontra estreitamente vinculado com a estrutura política do governo. Ambos se aliam e se torna cada vez mais difícil encontrar os limites que separam um do outro.

Desta forma, a autoridade federal (prefeitos, governadores e mesmo o presidente; além da organização institucional) perdeu toda credibilidade ante a população, cujos direitos humanos mais básicos têm sido constantemente violentados, cuja tranquilidade e liberdade desde há muito tempo têm sido subtraídas. Desculpas, negligências, contradições, irresponsabilidades e desorganização são o que até este momento têm as autoridades com suas investigações pouco eficientes frente ao desaparecimento de 43 pessoas.

A efervescência de diferentes grupos nos ensina que o México está ansioso por uma verdadeira transformação social, com a reforma de suas instituições políticas e, acima de tudo, para que se abra um caminho de luta pela tão desejada e cada vez mais esquecida justiça, ¡por un México que tiene que despertar!

COMENTÁRIO SOBRE O MASSACRE NO MÉXICO

RICARDO MONTEAGUDO

No dia 2 de outubro de 1968, no contexto de manifestações estudantis e populares que se espalharam em todo o mundo no "ano que não terminou", houve um protesto em Tlatelolco, um bairro operário próximo à Cidade do México.

Com provável anuência da CIA, naquele ano preocupada em conter o guevarismo na América Latina, os manifestantes foram cruelmente massacrados pela polícia e por grupos paramilitares. Alguns falam em 300 ou 400 mortos, outros em mil, nenhum liberalismo ou cristianismo mesmo o mais conservador recusaria a vergonha que foi para toda a humanidade o que lá ocorreu. Eis que no dia 26 de setembro de 2014, em Iguala, no México, uma manifestação estudantil, talvez semelhante às que desencadearam as Jornadas de Junho pela redução no preço das passagens no Brasil, foi brutalmente reprimida pela po-



© PetrohsW

Ricardo Monteagudo é professor do Departamento de Filosofia da Unesp de Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 11 de novembro de 2014.



© Mídia NINJA

do governo do México. Em seguida, novas e agora bem motivadas manifestações políticas contra a violência policial e pela solução dos desaparecimentos se espalharam por todo o México, agora sob os olhares atentos da comunidade internacional.

Observamos governos progressistas em quase toda a América Latina e a reação de elites conservadoras incomodadas com as poucas mudanças, aliás dentro do espírito da redução da desigualdade. Vemos no Brasil a preocupação de poucos, porém poderosos, causada pelo Bolsa Família, que concede menos do que 10% do salário mínimo para ajudar as famílias na educação e no futuro de seus filhos, ou seja, no futuro do Brasil. Este pequeno avanço mudou o Brasil, retirou milhões de pessoas da linha da miséria, algo de que nos orgulhamos. Mesmo assim parte menor da elite brasileira mais conservadora se manifestou, após as eleições, em defesa da interrupção institucional e do não reconhecimento do governo eleito, favorável à volta dos militares ao poder e ao encerramento do processo democrático no Brasil. Ora, o aguçamento do conflito político entre progressistas e conservadores na América Latina, que chegam ao ponto de defender a violência para a manutenção de alguns privilégios e ainda colocam até a democracia liberal a prêmio. Querem uma democracia sem povo e uma eleição sem urnas.

Caso não haja punição exemplar a todos os casos de violência política na América Latina, corremos o risco de ter uma regressão histórica irrecuperável. Ocuparíamos a parte obscura e envergonhada do mundo, nossos filhos seriam incapazes de exercer a cidadania e autonomia, premidos pelo império do dinheiro e pela disciplina militar. Há contudo uma novidade no cenário da globalização liberal: a internet. É esta força digital que forma a nova opinião pública que não admite mais formas de violência em defesa de privilégios inconfessáveis e injustificáveis. Província de Iguala, cuidado!, somos hoje todos mexicanos.

FOI A GRANDE REPERCUSSÃO DO CASO EM TODO O MUNDO QUE PRESSIONOU POR ALGUMA INICIATIVA E POSICIONAMENTO MAIS EFETIVO DO GOVERNO DO MÉXICO

lícia, que prendeu dezenas de estudantes. Em seguida, 46 pessoas desapareceram. Sobreviventes dizem que foram entregues pela polícia a grupos paramilitares vinculados a traficantes de drogas. O governo da Província de Guerrero não autorizou a manifestação e por isso justificou a repressão policial, parece não ter se preocupado especialmente com o resultado da repressão. Foi a grande repercussão do caso em todo o mundo que pressionou por alguma iniciativa e posicionamento mais efetivo





© Jessica Lange/Divulgação

O carnaval mexicano de Jessica Lange

A exposição de fotografias de Jessica Lange inaugurada em 10/2, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, SP, tem um segmento dedicado ao México. Vale a visita por ser uma caminhada muito pessoal a um país mágico. Estão ali, sempre em preto e branco, os esqueletos, na forma de pessoas com o corpo pintado, e muitas máscaras celebrando o Dia dos Mortos e o Carnaval. São infinitas personagens que se multiplicam num desfile de impressões.

O trabalho de Jessica não nos deixa indiferentes, creio, muito menos pela luz e muito mais pela dramaticidade das cenas. Há sensibilidade em captar as nuances entre o belo, o bizarro, o grotesco e o amedrontador. Tudo se mescla, por exemplo, quando máscaras de Carnaval abandonadas surgem em caixotes velhos que guardam alimentos ou ainda na oposição de imagens com excessivo número de elementos e a sobriedade de um grupo de militares.

Um ícone no percurso é uma criança junto a uma santa. Estão aí reunidas a pureza do acreditar e a crueza do existir; o amor intenso e a violência. Surgem seres paralisados, a um ponto de quebrar limites. A mesma atmosfera ganha o primeiro plano em um grafite. Curvas intensas com imagens de caveiras, corujas e dezenas de figuras alimentam nosso imaginário. De novo, paixão e tensão, mistério.

Rifles de brinquedo repousando numa barraca de parque de diversões funcionam como metáfora perfeita de um México pronto a explodir em diversos aspectos por suas tensões internas. Cada uma daquelas armas pode a qualquer momento se tornar violência cristalizada. O potencial está lá, basta detoná-lo. Falta um motivo, uma desculpa, para a situação transbordar.

Os desfiles de Carnaval acentuam o clima de permissividade. A negação da proibição tudo legitima, mesmo aquilo que nunca poderia acontecer. Assim, matar ou ser morto podem ser faces de uma mesma e pérfida moeda.

O homem mascarado que segura entre os braços uma criança ilustra o sentimento com que saímos da exposição. Ele gera percepções, várias, é natural, mas uma das principais está na ambiguidade. O homem de rosto escondido, ativo na ação, está brincando ou assustando? E quem está passivo? Aproveita o momento, sofre com medo ou nada compreende da situação?

A conclusão do Carnaval mexicano que Jessica Lange transforma em fotografias parece ser a de que a pureza ainda existe em cada recanto da festa, mas atos de todo tipo podem violentá-la num piscar de olhos. Assim, o mistério se pereniza. E nos encanta. UC

Oscar D'Ambrosio é doutor em Educação, Artes e História da Cultura e Assessor-chefe de Comunicação e Imprensa da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 13 de fevereiro de 2015.



MESA ORIENTE
Paula Larissa de Souza Cruz, orientação de Cláudio Roberto y Goya. Mesa no estilo oriental formada por seis peças que também se transformam em banquinhos

© Vivian Laki

Mostra Jovens Designers

DOS 40 PROJETOS SELECIONADOS NA QUINTA EDIÇÃO, SETE SÃO DE ALUNOS DA UNESP DE BAURU

Mais informações
www.jovensdesigners.com.br

Projeto de concepção e realização exclusiva da Origem Produções com apoio da ADP – Associação dos Designers de Produto, a Mostra Jovem Designers, voltada para estudantes de design de produtos de todo o Brasil, com orientação de professores das instituições que representam, busca estimular a formação de novos talentos e difundir a cultura do design no país.

A Mostra já percorreu sete Estados brasileiros – São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba, Paraná e Santa Catarina – e também levou a criatividade do Brasil para o exterior em uma itinerância internacional em Milão, na Itália.

Nesta quinta edição, o projeto tem o patrocínio da Deca, e agenda de exposições programadas para o primeiro semestre de 2015 nas cidades de São Paulo (SP) e Florianópolis (SC). Seis produtos selecionados também participarão do Salão Satélite, em Milão, na Itália.

Em São Paulo, a mostra teve abertura no dia 12 de fevereiro, no Museu da Casa Brasileira. A visitação ficou aberta até 29 de março. Durante o período, foi oferecido trabalho educativo para grupos agendados, além de ciclo de palestras e oficinas relacionadas ao projeto.

PARCERIAS

Toda edição, a Mostra Jovens Designers convida os maiores prêmios de design do país para participarem da exposição, indicando seus estudantes premiados. A mostra tem presença confirmada do Prêmio Tok&Stok de Design Universitário, do Prêmio Alcoa de Inovação em Alumínio, Prêmio Idea/Brasil, Prêmio Design MCB, Desafio de Design Odebrecht Braskem, Salão Design Movelsul, Prêmio Sebrae Minas Design, Prêmio ABRE e Talento Volkswagen Design 2013 – Soapbox Gran Prix.

Entre os 40 projetos que integraram a Mostra, em São Paulo, SP, sete foram elaborados por graduandos da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Unesp de Bauru. São os seguintes.



LONA DILIGENTE
Naiane Quirino de Biagi e Jéssica Fateiga Câmara, orientação de Paula Landim
Lona para piscinas que também serve de cobertura contra o sol. Facilita o manuseio e a limpeza, e é segura contra acidentes com crianças.

Prêmio Alcoa de Inovação em Alumínio



BANCO HIPODÂMICO
Daniel Esteban P. L. Fidelis, orientação de Tomas Queiroz Ferreira Barata
Com assento dividido em quatro módulos independentes, o banquinho faz menção ao traçado urbano organizado em tabuleiro (quarteirões), característica do trabalho do arquiteto grego Hipódamo.



EMBALAGEM PARA BEBIDA LÁCTEA
Bruno Borges da Silva e Rodolfo Nucci Porsani, orientação de Luis Carlos Paschoarelli
Projeto ergonomicamente elaborado para proporcionar conforto, fácil manuseio e atração estética. Embalagem remete ao úbere, com referência à origem do leite e à vida no campo.

© Vivian Iaki



MESA UFO
Cicero Felix de Oliveira Junior, orientação de Tomás Queiroz Ferreira Barata
Mesa com número reduzido de componentes e de fácil armazenamento. Tampa flutuante de MDF laqueado e pés de eucalipto. Altura de 75 cm.

Prêmio Tok&Stok



CUBO TOTEM
Felipe Estevan Ribeiro, orientação de Tomás Queiroz Ferreira Barata
Mobiliário com peças articuladas que permitem diversos formatos de acordo com a necessidade do usuário.

Prêmio Tok&Stok





C.A.B.E. (Conjunto de Abas Baseado em Escada)
Karina Sayuri Nakata, orientação de Cláudio Roberto y Goya
Estante dobrável, baseada no conceito das escadas dobráveis. Pode ser empilhada e justaposta, formando um novo conjunto.

ROSEANE ANDRELO



Comunicação e criatividade

PROJETO DESENVOLVIDO PELA UNESP BAURU EM PARCERIA COM A UNIVERSIDADE DE SEVILHA PROMOVE AÇÕES INÉDITAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO E METODOLOGIA INOVADORA

Roseane Andrelo é professora da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru.

Aurus: agência vencedora, com os alunos (*da esq. para dir.*) Klaus Aires Alves, Lucas Quinelato Cavalcante, Caio Cerigatto Libânio, Lucas Murback e Ranier Ribeiro Rocha.

Realizar atividades de ensino baseadas em metodologia ativa, que se interliguem com a extensão e a pesquisa, que sejam inter e transdisciplinares, que estabeleçam laços concretos com o mercado de trabalho, e, ainda, que gerem processos de internacionalização. Essa meta do ensino universitário enfrenta desafios, todos eles vencidos, com a realização do projeto "De la clase a la cuenta – Da classe ao mercado", uma parceria entre a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Unesp de Bauru e a Universidade de Sevilha (Espanha), cuja primeira edição foi finalizada no dia 29 de janeiro.

O projeto chega à Unesp depois de 19 anos de atividade na universidade espanhola. A proposta é montar, com alunos das universidades envolvidas, agências de comunicação que terão clientes reais. Nesta edição, as agências brasileiras tiveram como cliente a Raízen, joint venture criada a partir da junção de negócios da Shell Brasil e da Cosan. A Raízen tem o quinto maior faturamento do Brasil (R$ 58,5 bilhões) e cerca de 40 mil funcionários. É a principal produtora de etanol de cana-de-açúcar do país.

O desafio colocado aos estudantes foi consolidar a imagem da Raízen como uma empresa única e tornar clara a sua atuação, junto aos diferentes segmentos de públicos. Para isso, foi solicitado que eles planejassem e executassem ações online e off-line com três públicos da organização: as comunidades do entorno das unidades da Raízen; os funcionários e a mídia.

O PROCESSO

Para a concretização do planejamento, foram montadas agências com alunos de cursos da Faac – Artes, Design, Jornalismo, Rádio e TV e Relações Públicas –, que tiveram que unir conhecimentos para apresentar os resultados. "Ter grupos com formação distinta significava riqueza de opiniões. Porém, havia desafios, como o fato de nem todos terem conhecimentos específicos da comunicação organizacional", aponta Célia Retz, coordenadora do projeto no Brasil.

Desta forma, optou-se pela realização de um curso de extensão com duração de oito meses, no qual se buscou uma metodologia de ensino diferenciada. "Trocamos o viés 'conteudista' por uma metodologia ativa, baseada na resolução de problemas, ou seja, foram poucas oficinas e vários atendimentos voltados a ajudar as agências com a resolução do briefing", diz Célia.

Os alunos, primeiro, montaram as agências, com missão, visão, valores, identidade visual e seus próprios instrumentos de comunicação. Posteriormente, receberam o briefing com o desafio e tiveram oportunidade de conversar com os gestores da Raízen, estratégia durante a reunião de contra-briefing. Os passos seguintes foram a concepção da estratégia, a elaboração do planejamento e a criação das peças comunicativas. Também precisaram preparar uma apresentação pública, que resumisse toda a proposta.

O FESTIVAL DE CRIATIVIDADE E COMUNICAÇÃO

Duas agências de comunicação chegaram à reta final – a Pastifici e a Aurus Criação. Os resultados foram apresentados durante este evento, que teve como objetivo, além de premiar o trabalho dos participantes, promover uma ampla programação cultural. Entre a apresentação das agências, houve shows de hip hop; capoeira; chorinho; blues, finalizando com a Naumteria, bateria da Unesp de Bauru.

O voto do júri, composto por membros da academia, do mercado e com a presença da professora Ana Cortijo, da Universidade de Sevilha, definiu a Aurus Criação como a grande vencedora, que terá parte de suas ações implantadas pela Raízen, e fará uma visita à sua sede, onde acontecem os trabalhos de comunicação organizacional. A empresa também cedeu ingressos para a Stock Car, de quem é patrocinadora. Além disso, os alunos receberam um prêmio surpresa: cinco passagens aéreas para Sevilha, patrocinadas pela Proex (Pró-Reitoria de Extensão). Além do voto dos jurados, foi dado à Aurus o Prêmio de Empreendedorismo, patrocinado pelo Sebrae e escolhido pelo público.

Todo o processo foi permeado por ações de comunicação intercultural, uma vez que as agências brasileiras tinham contato com as espanholas. Além disso, o evento foi transmitido ao vivo, com tradução simultânea em espanhol, pela FAAC WebTV. A experiência gerou o projeto de pesquisa que, entre os objetivos, visa pesquisar aspectos cognitivos, relacionais e comportamentais que envolvem o diálogo intercultural entre estudantes da Unesp e da Universidade de Sevilha a partir de recursos educacionais abertos, voltados à coaprendizagem.

A parceria já resultou em quatro visitas técnicas, duas da professora espanhola Ana Cortijo à Unesp e outras duas das professoras Célia Retz, Maria Eugênia Porém, Raquel Cabral e Tamara Brandão Guaraldo, do curso de Comunicação Social: Relações Públicas e da comissão gestora do projeto à Universidade de Sevilha. Uma das visitas foi realizada com recursos do edital do Programa da Graduação Inovadora/ Programa de Melhoria da Graduação. O projeto contou ainda com recursos de Fapesp, Prograd, Arex, Proex e Faac, além de patrocínio de Raízen, Sebrae e Fundeb. UC



Comissão organizadora

OS ALUNOS MONTARAM AS AGÊNCIAS, COM MISSÃO, VISÃO, VALORES, IDENTIDADE VISUAL E SEUS PRÓPRIOS INSTRUMENTOS DE COMUNICAÇÃO



Apresentação de capoeira



© Divulgação

Turing se submete a tratamento que culmina em suicídio, deixando sem resposta a pergunta sobre o que mais ele poderia ter feito pela ciência da computação

Filmes com indicações ao Oscar são analisados por especialistas de diversas áreas do conhecimento

O FILME *O JOGO DA IMITAÇÃO* RELATA A HISTÓRIA DO MATEMÁTICO INGLÊS ALAN TURING, INTERPRETADO PELO ATOR BENEDICT CUMBERBATCH

VÍTIMA DA PRECONCEITUOSA SOCIEDADE INGLESA DA ÉPOCA

SILVIA MARIA GIULATTI WINTER

O filme *O Jogo da Imitação* relata a história do matemático inglês Alan Turing, enfatizando o período em que trabalhou no Parque Blechtley, nos arredores de Londres – precisamente na Cabana 8 ("HUT 8"), junto a um grupo de engenheiros e matemáticos. A árdua tarefa desse grupo consistia em decifrar as mensagens codificadas pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Essas mensagens eram criptografadas utilizando uma máquina denominada Enigma, construída em 1918 pelo alemão A. Scherbius. Em 1926 o exército alemão passou a utilizar, e aprimorar, essa máquina que durante a II Guerra Mundial foi utilizada pelas forças armadas do governo alemão. Alan Turing e sua equipe levaram quase um ano para desenhar e construir a máquina Bomba, que tinha o tempo de resposta reduzido graças a algumas frases que os nazistas usavam constantemente e ao fato da máquina Enigma não substituir uma letra por ela mesma.

No intuito de preservar o segredo da decodificação das mensagens, antes de um ataque às forças nazistas, um avião de reconhecimento era enviado ao local para que os inimigos pensassem que "por acaso" tinham sido descobertos pelas forças aliadas. A decodificação dessas mensagens mudou o curso da história da Segunda Guerra Mundial, pondo fim a esse

pesadelo quase dois anos antes do esperado, salvando milhões de vidas. O nome do filme faz menção a um dos legados de Turing, seu trabalho intitulado "Computação Maquinária e Inteligência". O "jogo da imitação", teste proposto por Turing, é um jogo simples em que perguntas são feitas a um ser humano e a uma máquina, na tentativa de identificar, através das respostas, qual deles seria o ser humano.

Alan Turing foi pioneiro na ciência da computação e na inteligência artificial. Nascido em 1912 em Londres, Turing e seu irmão mais velho foram deixados aos cuidados de uma família de amigos enquanto seus pais retornaram à Índia. Aos treze anos foi enviado a um internato, período este que será marcante durante toda a sua vida. Foi nesse período que Turing se apaixonou por C. Morcom, um amigo do internato que morre tragicamente devido à tuberculose.

Em 1954, Alan Turing morre vítima da preconceituosa sociedade inglesa da época. Após ser julgado e condenado por indecência, Turing é submetido a injeções de hormônio. Ainda pairam dúvidas sobre sua morte, se esta foi proposital (assassinato ou suicídio) ou acidental. Em dezembro de 2013, Alan Turing foi agraciado com o perdão real, embora um pedido de desculpas fosse mais apropriado.

SOBRE GÊNIOS, GUERRAS, CIÊNCIA E CONFLITOS PESSOAIS

VALDEMIR PIRES

O jogo da imitação é um belo tributo a Alan Turing (1912-1954), o inglês a quem devemos os feitos primordiais da computação moderna, em que as máquinas "pensam" por nós, tornando difícil imaginar como foi a vida sem elas. Tributo facilitado pela biografia do homenageado, marcada por ousadia e persistência incomuns, pela arrogância talvez involuntária, por boa dose de genialidade, pela homossexualidade reprimida – num tempo (anos 1940-50) e lugar (Inglaterra) de intolerância com o diferente – e finalizada pelo suicídio aos 41 anos.

Com roteiro atraente (Graham Moore), direção primorosa (Morten Tyldum) e desempenho notável de Benedict Cumberbatch como personagem principal, o filme explora o ambiente competitivo entre cientistas nos esforços pela vitória na Segunda Guerra Mundial, em cujo contexto foi inventada a "máquina de Turing", utilizada para decifrar as mensagens em código com que os comandantes alemães transmitiam suas ordens às forças de combate. A conhecida relação entre avanço tecnológico e esforço de guerra é apresentada com lances dramáticos, que incluem Turing se mantendo no comando do laboratório por ordem direta de Churchill e à revelia dos comandantes imediatos do petulante cientista: ciência versus poder fora e dentro do laboratório. A genialidade de Turing é contraposta às suas dificuldades de relacionamento, por não dominar o mínimo da sensibilidade e do traquejo para a vida social e afetiva – o gênio focado, cuja vida se limita àquilo que o faz genial, provocando nos outros admiração (e inveja) e comiseração (e riso).

Como se trata de uma cinebiografia, impossível um final feliz: perseguido pela sua homossexualidade, Turing se submete a tratamento que culmina em suicídio, deixando sem resposta a pergunta sobre o que mais ele poderia ter feito pela ciência da computação. Impossível também – e aí está um grande mérito do filme – não sair da sala de projeção sem questionar a intolerância contra a orientação sexual não convencional. Impossível, por fim, não ter a mente e o coração agitados pela trama que, insistentemente, faz suspeitar que a genialidade tem a ver com algum tipo de fuga a tormentos pessoais e frustrações acumuladas ou mesmo defeitos mentais.

Claro, uma nota não poderia deixar de ser registrada acerca do amor desajeitado e sublime que a trama atribui ao casal Turing-Joan Clarke (Keyra Knightley): "às vezes a solução vem de onde menos se espera" (Turing a Joan, e depois Joan a Turing, em passagens belíssimas do filme). Mas de Christopher (o amigo, primeiro; a máquina que o homenageia, depois) Turing esperava mais.

Silvia Maria Giuliatti Winter é licenciada em Física pela Unesp, mestre em Engenharia Aeronáutica e Mecânica pelo ITA e doutora em Dinâmica Orbital pela School of Mathematical Sciences – QMWCollege – Universidade de Londres, professora do Departamento de Matemática da Faculdade de Engenharia da Unesp de Guaratinguetá e colaboradora do programa de pós-graduação em Engenharia e Tecnologias Espaciais do INPE.

Valdemir Pires é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite*, de 18 de fevereiro de 2015.

STEPHEN HAWKING: MEU ILUSTRE VIZINHO

MAURO GALETTI

Está nos cinemas de todo o mundo e concorreu ao Oscar o filme *A teoria de Tudo*, que conta a história do famoso físico inglês Stephen Hawking. Assistindo ao filme esta semana, não pude deixar de me emocionar e relembrar do meu vizinho ilustre.

Isso mesmo, Stephen Hawking foi meu vizinho em Cambridge em 1993, quando na época eu era aluno de doutorado. Numa época em que não existiam e-mail, celular, selfies e as únicas celebridades com que os paparazzi se importavam eram a real família britânica, era comum encontrar cientistas famosos nas ruas de Cambridge.

Atualmente com 88 prêmios Nóbeis nas mais diversas áreas, Cambridge é uma universidade que ainda mantém tradições centenárias. A Universidade nasceu antes mesmo da cidade. Em 1209 alguns professores que divergiram da cúpula acadêmica da Universidade de Oxford decidiram rebelar-se e fundar a Universidade de Cambridge, que viria a ser uma das universidade mais famosas do mundo. A Universidade de Cambridge tem hoje 18.000 alunos e é composta por 31 Colleges e 150 departamentos. Nos Colleges é onde os professores e alunos estão afiliados, residem e socializam-se. Cada College tem suas cores, tradições, influência e cada um escolhe seus próprios alunos.

A Universidade de Cambridge abrigou e ainda abriga uma grande parte dos maiores cientistas do mundo. Foi nessa universidade que William Harvey descreveu pela primeira vez a circulação sanguínea, Isaac Newton estudou, lecionou e escreveu seu famoso livro sobre a gravidade (*Principia*), Watson e Crick desvendaram a estrutura do DNA. Não apenas grandes cientistas estudaram em Cambridge, mas 15 Primeiros-ministros da Inglaterra, além de John Harvard (fundador da Universidade de Harvard nos Estados Unidos) e Charles Darwin. Outros ex-alunos famosos incluem David Attenborough, Príncipe Charles, Hugh Laurie (ator de House), Emma Thompson, e muitos atores de Hollywood.



© Divulgação

Stephen Hawking, interpretado no filme *A teoria de tudo* por Eddie Redmayne, que recebeu o Oscar pelo papel, vizinho em Cambridge, em 1993, do professor Mauro Galetti, da Unesp de Rio Claro, que ali realizou seu doutorado

Cheguei na Universidade de Cambridge na Inglaterra em setembro de 1992 logo após ter defendido meu mestrado, numa época politicamente turbulenta no Brasil que acarretou o impeachment do então presidente Fernando Collor. Estranho pensar que essa época parece ter voltado.

Nunca havia estudado fora do Brasil e minha intenção era aproveitar ao máximo a chance que o governo brasileiro (através de bolsa do CNPq) havia me concedido com um bolsa de doutorado para estudar na mais prestigiosa universidade do mundo. Tornar-me um cientista antropófago, como Oswald de Andrade bem colocou em seu Manisfesto antropofágico de 1928. Absorver tudo o que é de melhor, digerir e aí produzir uma ciência brasileira.

Em Cambridge, meu quarto no Robinson College era espartano, cabia apenas uma cama e uma pequena escrivaninha. Era o menor



quarto de Cambridge e certamente o mais barato. Eu pagava 100 libras esterlinas por mês, uma pechincha. Mas, diferente da maioria das universidades do mundo, a arte e a ciência se misturam nas amizades e nas conversas de pubs.

Sempre acordava tarde pois passava a noite lendo e escrevendo meus trabalhos. Depois de um café instantâneo, pegava minha bicicleta e seguia rumo ao meu Departamento. Quase sempre frio e uma chuva fina me acompanhavam.

No meu caminho era recorrente encontrar o Professor Stephen Hawkins saindo de seu pequeno apartamento acompanhado de sua enfermeira e segunda esposa. Seu apartamento ficava em um College para pós-graduandos em uma rua pacata. O nosso bairro era afastado do centro e numa área cercada de macieiras e campos de rúgbi.

Hawkins, que já era famoso entre os leigos pelo livro *Uma breve história do tempo*, descobriu ter esclerose múltipla quando era aluno de doutorado de Cambridge. Ia dirigindo sua cadeira de rodas lentamente pelas ruas de Cambridge e sua enfermeira ia a pé ao seu lado. Ninguém o importunava, nunca vi ninguém parar para tirar sua foto. Uma vez parei no sinal e ao meu lado lá estava Hawking indo trabalhar, também esperando o sinal abrir. Eram épocas mais simples, em que o respeito e a admiração eram guardados para si mesmo.

Assim como Hawking, Cambridge me proporcionou assistir a palestras de prêmios Nobéis (como a de Francis Crick) e outros cientistas que viriam a ser famosos. Cambridge me fez entender que uma universidade deve ser a melhor experiência acadêmica na vida de um aluno.

Assistindo o filme da vida do Professor Hawking no cinema fiquei feliz que a vida de um cientista tenha chegado ao grande público. Hoje, numa época em que celebridades são criadas e destruídas em minutos, ainda existe espaço para ouvir a história de quem realmente importa.

Mauro Galetti é professor do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 23 de fevereiro de 2015.

BOYHOOD: PEQUENAS E FRAGMENTADAS HISTÓRIAS DE UMA GERAÇÃO

RODRIGO CZAJKA

A premiação anual do Oscar sempre traz consigo calorosos embates entre defensores e detratores das obras cinematográficas que estão em julgamento, e neste ano de 2015 não seria diferente. Num caso, em particular, uma produção chamou atenção não apenas da crítica, mas do grande público que se mostrou sensível ao projeto do diretor Richard Linklater. Trata-se de *Boyhood* (lançado no Brasil com o título *Da infância à juventude*), um filme que tem dividido opiniões sobre os recursos e argumentos utilizados pelo diretor na produção desse longa-metragem de duas horas e quarenta minutos de duração.A notabilidade alcançada pelo filme, num primeiro momento, foi pelo fato de o trabalho de Linklater ter sido o resultado de 12 anos de produção. Ou seja, as filmagens transcorreram num período de 12 anos, acompanhando a transformação

Rodrigo Czajka é professor de Sociologia da Cultura do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp de Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 23 de fevereiro de 2015.



© Divulgação

O filme *Boyhood*, drama dirigido por Richard Linklater, ganhou notoriedade por ter demorado 12 anos para ser concluído, tornando-se uma das mais longas produções da história do cinema.

dos atores que, por sua vez, confunde-se com a transformação dos personagens. Um filme que, rodado em segredo durante tanto tempo, lançou sobre si certa aura que o transformou num trabalho único. Dentre muitos outros aspectos, talvez esse tenha servido apenas e unicamente como elemento publicitário dos objetivos de Linklater.

Contudo, o que mais representa a obra na sua totalidade não foi suficientemente evidenciado. O filme, na verdade, é um exercício narrativo que procura dar conta dos dilemas de uma geração que amadureceu à sombra da primeira década do século XXI. Por mais que uma euforia tomasse conta daquela juventude que adentrava o novo século, com promessas de uma nova sociedade, de uma nova ordem global – o filme no seu início estampa o atentado ao World Trade Center, em NY – uma névoa de melancolia e de incertezas povoou o imaginário daqueles que lentamente amadureciam na compulsória agilidade e na fluidez das transformações políticas, sociais, culturais e econômicas vividas pela sociedade norte-americana. A narrativa, apesar de representar uma linearidade, ela própria se desgarra como se quisesse captar o desajustamento de uma geração consigo mesma. Mason (interpretado por Ellar Coltrane) não é só um personagem juvenil, mas um elemento que representa e sintetiza uma visão de mundo inacabada e que sente saudades de um passado que ele não pode viver – sobretudo aquele passado vivido pelo pai (Ethan Hawke), majestosamente alegorizado na antologia que criou para o filho, com as canções do Beatles, intitulada curiosamente The Black Album – em referência ao *The White Album* (1968).

Boyhood não é um filme diletante e se fosse deixaria de cumprir seu papel. Também não é filme político, ainda que impasses ideológicos transpareçam em muitos diálogos. Seu núcleo narrativo está centrado na simplicidade, nos elementos óbvios que compõem a história e a memória dos indivíduos. Talvez resida aí a dificuldade em lidarmos com uma obra dessa natureza. *Boyhood* não é um grande épico nem conta uma grande história, por isso mesmo não levou a estatueta de melhor filme. Pelo contrário, define-se pelo acúmulo de memórias num beco escuro, à espera de alguém que venha desvelar as pequenas e fragmentadas histórias de uma geração. UC

Histórias do Atlântico português

AUTOR, JOHN RUSSELL-WOOD, É UM DOS MAIS IMPORTANTES HISTORIADORES INGLESES

Produzidos em diferentes momentos da carreira de John Russell-Wood, os nove ensaios desta coletânea, intitulada 'Histórias do Atlântico português' (Editora Unesp, 404 páginas, R$ 54), constituem uma amostra bastante representativa da obra do historiador, um dos mais proeminentes entre os de língua inglesa.

Demonstrativos do ecletismo e algumas vezes da inovação de suas temáticas de pesquisa, metodologia e perspectiva analítica global da historiografia do império português, os textos, selecionados pelo próprio autor em 2010, meses antes de sua morte, foram escritos entre 1977 e 2009. Alguns são clássicos com potencial de renovação da pesquisa acadêmica sobre certos temas da História atualmente muito investigados, como o das instituições de governo local, dos funcionários régios e das formas de mobilidade social de negros africanos e mestiços na sociedade hierárquica luso-brasílica.

A coletânea, contudo, também inclui textos inéditos em língua portuguesa, que prometem contribuir para o estudo e a investigação sobre a ciência e as técnicas náuticas, bem como sistemas portuários, além da reflexão sobre o processo de constituição de uma civilização do Atlântico português, cujas raízes também se estendiam até a Ásia.

Acessível e interessante inclusive para não especialistas, o livro coloca o leitor curioso acerca da formação do mundo de língua portuguesa diante dos movimentos humanos que se deram entre os continentes ao longo dos séculos, bem como das histórias deixadas por aquelas trajetórias.

TRECHO

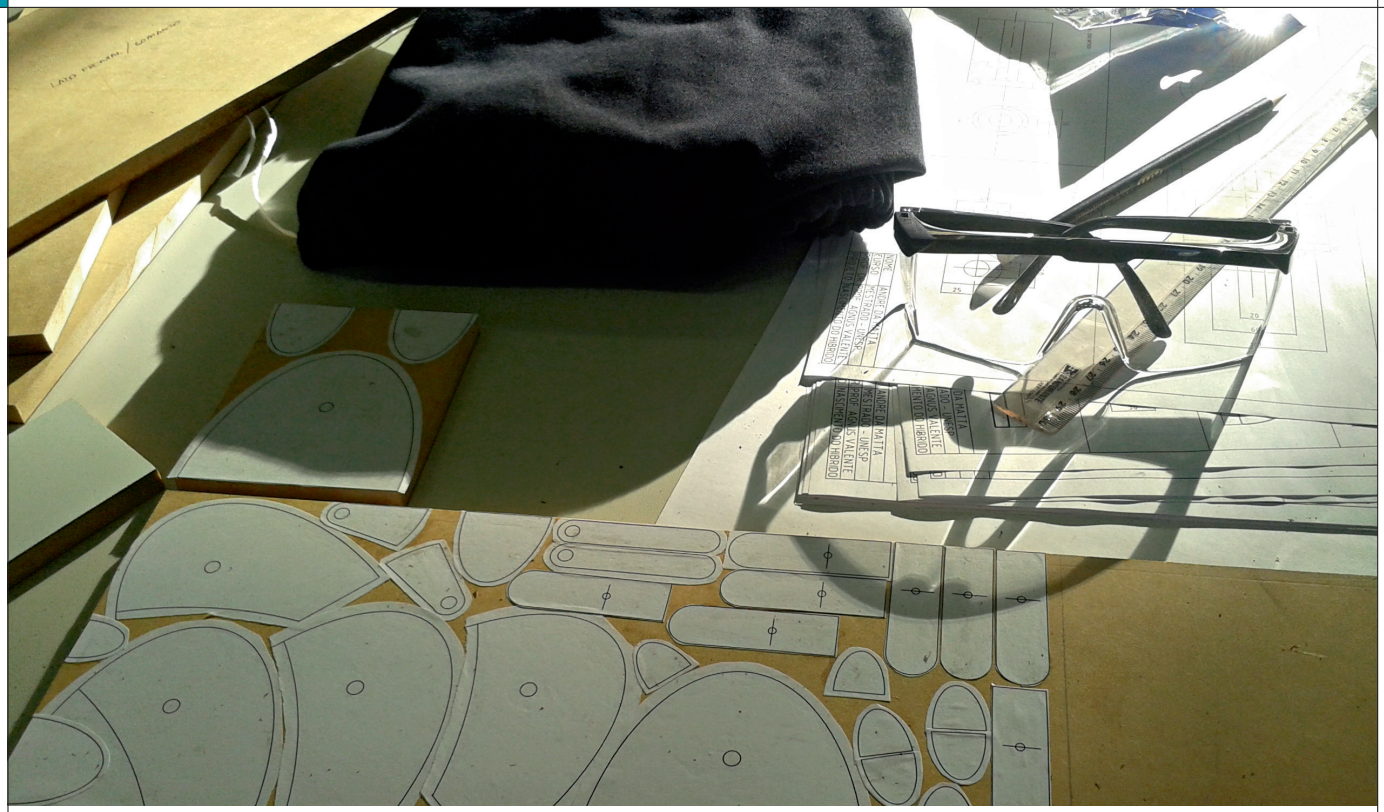
"Em 1415, o infante d. Henrique, "o Navegador", participou da captura da cidade muçulmana de Ceuta no Marrocos, marcando o início de uma presença portuguesa formal fora da Europa continental. Em 1822, o Brasil declarou sua independência de Portugal. Nos séculos decorridos nesse ínterim, navegadores portugueses rumaram para o norte até o Círculo Polar Ártico e para oeste até a Groenlândia e o Mar do Labrador, além de desbravar as passagens sul e sudoeste do Oceano Atlântico ao Índico e o Pacífico, respectivamente. A Coroa portuguesa reivindicou soberania sobre os arquipélagos atlânticos e os territórios às margens do Atlântico na África continental e na América do Sul. Mercadores criaram redes de comércio ao norte no Mar Báltico e ao sul de Benguela e no Rio da Prata. Os portugueses colonizaram ilhas e continentes às margens do Atlântico e estabeleceram vilas, cidades e instituições. O português tornou-se a língua europeia mais falada na região atlântica. Ao expô-los ao cristianismo e à escravidão, os portugueses transformaram a vida de milhões de ameríndios e africanos."



John Russell-Wood
Histórias do Atlântico português
editora unesp

Organização Denise A. Soares de Moura; prefácio de Denise Moura e Angela Domingues; Editora Unesp, 404 págs.; R$ 54; tradução de Sonia Midori Yamamoto

Sobre o autor
Anthony John R. Russell-Wood (1940--2010), nasceu no País de Gales e doutorou-se em História Moderna pela Universidade de Oxford. Influenciado por Charles Boxer, focou suas pesquisas na História de Portugal e seu Império ultramarino, tendo como supervisor, em Portugal e no Brasil, Hugh Trevor-Roper. Foi professor da Universidade Johns Hopkins, Estados Unidos. Escreveu vários livros e artigos que se tornaram clássicos da historiografia luso-brasileira, como *Fidalgos e Filantropos*: a Santa Casa de Misericórdia da Bahia (1550–1755) e *Um mundo em movimento*: os portugueses na África, Ásia e América (1415–1808).



© Arquivo pessoal

Hibridismo: aplicação em arte

DOUTORANDO E MESTRANDO, IRMÃOS, APLICAM TÉCNICAS PARA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS PLÁSTICOS

Quando se pensa em algo híbrido, inicialmente se tem a ideia da utilização de duas ou mais componentes diferentes em um mesmo sistema. E para a arte?

É um conceito que os irmãos e alunos do programa de mestrado e doutorado do Instituto de Artes (IA) da Unesp, Câmpus de São Paulo, Célio Matta e André Matta procuram aplicar no desenvolvimento de seus trabalhos.

Os irmãos procuram criar protótipos, testes, objetos e instalações que aplicam conceitos de suas variadas áreas de formação para poder estudar o universo artístico. São orientados pelo professor Pelópidas Cypriano de Oliveira, que estimula a prática de experimentações em arte e a utilização dos conceitos e técnicas disponíveis.

Essa aplicação de técnicas variadas para a execução dos objetos artísticos é oriunda de formações técnicas e de bacharelado anteriores.

A somatória de conhecimento em construção civil, mecânica e desenho industrial permite a construção dos objetos concebidos através de conceitos de arte e através da manipulação de materiais, formas, figuras e sistemas que atendem ao universo artístico. Os irmãos Célio e André procuram criar ou desenvolver projetos artísticos por um caminho de maior análise técnica, real e funcional.

Acreditam que na arte contemporânea, com tantas novas técnicas disponíveis, o conhecimento do processo criativo passa por uma ampliação de aplicação de técnicas e conceitos (como desenhos, modelagens e instalações). A aplicação dessas técnicas construtivas acaba por encontrar novos parâmetros na execução de objetos de arte e por quebrar paradigmas.

Célio é técnico em Desenho e Construção Civil pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e André, Técnico em Mecânica. Ambos são bacharéis em Desenho Industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Eles buscam no IA o estudo de Processos e Procedimentos Artísticos (que ampliam a capacidade de criação) voltados à materiali-







© Arquivo Pessoal

zação de insights criativos.

Durante seus estudos no mestrado e doutorado, os irmãos procuram criar e testar situações, instalações e objetos que são testados concomitantemente à docência.

Através do estudo artístico de formas, figuras, modelos e maquinários que atendam ao universo artístico, os irmãos proporcionam também aos envolvidos na pesquisa (alunos) a discussão de uma visão subjetiva de arte, mas que resulte em objetos ou instalações com alguma função ou sistema.

Dos resultados parciais das pesquisas já surgiram ateliês organizados como laboratórios de experimentação, que aliam os conhecimentos técnicos e artísticos para a solução de problemas de criação e apresentação de projetos em duas e três dimensões.

Os irmãos Célio (de camisa azul) e André criam objetos através de desenhos e os modelam por meio de software, manualmente e de maquinários como routers e plotters

Mais informações em www.celiomatta.com

Os irmãos criam objetos através de desenhos e os modelam por meio de software, manualmente e através de maquinários como routers e plotters. Os dados colhidos contribuíram para a construção de um conjunto de laboratórios que se apresentam como necessários para a materialização da maioria dos processos em arte.

Célio e André querem durante sua docência possibilitar aos estudantes e futuros profissionais o enriquecimento de seu repertório e o desenvolvimento de suas ideias de projeto por meio de experimentações e análises subjetivas e objetivas concomitantemente.

Buscam auxiliar na solução dos problemas ao mesmo tempo em que são também protagonistas nesse processo de pensamento criação e solução. Procuram assim refletir os resultados obtidos descrevendo os processos em suas pesquisas de mestrado e doutorado.

Também são estimulados pela Pós-graduação do IA a publicar seus estudos e resultados em diversos congressos internacionais nos quais participam através de publicação e/ou apresentação de artigos, como no VII World Congress on Communication and Arts – WCCA'2014 em Vila Real – Portugal e o XXI Congreso Internacional de Educación y Aprendizaje 2014 em Nova York – EUA.

Essas atividades estimulam a pesquisa dos irmãos e também de seus alunos dentro de salas de aula, que estão sendo modificadas para uma organização de ateliê-laboratório de experimentação.

As pesquisas ainda se relacionam através do estudo da velocidade com que esses conceitos são testados concomitantemente e de maneira híbrida. Os resultados até o momento contemplam, além da rede de conhecimento, a velocidade com que ela é transmitida e aprendida pelos envolvidos.

Essa aplicação híbrida de conhecimentos tem a intenção de promover uma melhoria da qualidade e da capacidade do estudo de acordo com o momento e a cada caso específico, buscando a maior expansão do pensamento criativo, facilitando a sua continuidade. UC

OSCAR D'AMBROSIO



© Daniel Patire

Paixão e perseverança

Parceria entre a Unesp, por intermédio de seu Comitê de Artes e Cultura ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária, e a Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo resultou no Projeto 15x15. A iniciativa consiste em exposições realizadas na Reitoria da Unesp, na Capital paulista, que podem ser levadas para outras localidades, dentro e fora da Universidade.

Entre agosto e setembro últimos, a artista Ana Alice Francisquetti realizou a exposição de gravuras "Um pouco sobre o alfabeto". Suas imagens transmitem a convicção de uma artista que acredita naquilo que faz. Dessa dedicação, surge um trabalho que tende para o abstrato e desconhece limites dentro do campo da experimentação.

Sua pesquisa envolve o alfabeto e se dá numa trilha de traços, pontos, linhas, cores e formas que envolvem múltiplas escolhas. Os objetos visuais que constrói são resultado de um caminhar em que as dificuldades são possibilidades e os materiais, ponto de partida e de chegada de sonhos.

O uso de elementos diversos, como ferro, sal, vinagre, ácidos e vernizes, e a exposição das placas de gravura a fenômenos da natureza, como sereno, sol e chuva, são diferenciadores tanto em sua trajetória como nos trabalhos atuais. É instaurado assim um universo mágico, alquímico, em que o mistério não está naquilo que as imagens mostram, mas, principalmente, no que elas sugerem.

O mergulho nas letras vela sentidos e desperta questões existenciais. Tintas e brilhos apontam para tons não vibrantes, densos, próximos aos negros e aos ocres, num mundo de transparências sutis que engloba desde a

criança que aprende as primeiras letras até os computadores mais sofisticados.

O gestual da escrita é assim recuperado com sensibilidade e talento, pois a artista pensa a história da escrita e do alfabeto num mergulho que percorre a Idade Média, as prensas de Gutemberg e o mundo digital. Trata-se de um percurso de transformações.

Ana se apossa de imagens que a fascinam, lembrando que as crianças desenham antes de aprender a escrever. Porém, com o uso das máquinas, haveria uma perda do aspecto gráfico. Em compensação, haveria um maior ritmo da produção e a possibilidade de diálogo com criadores de outros países que se valem de outras técnicas.

Filha de um apreciador de arte que a costumava levar a exposições e museus, Ana sempre foi fascinada pelo desenho. Seus primeiros trabalhos foram figurativos e, gradualmente, foi caminhando para a abstração, privilegiando a cor e a forma. Em paralelo, foi se encantando com as relações entre Psicologia e Arte.

A Arteterapia, da qual Ana é uma das pioneiras no Brasil, e a gravura são duas paixões que foram gradativamente se comunicando. Um elo é o lidar constante com questões existenciais humanas, o que gera um permanente enriquecimento. Buscar entender questões existenciais de um paciente, por exemplo, leva a repensar a própria produção artística.

Além disso, proporcionar estímulos para que uma pessoa após sofrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC) se interesse pela História da Arte e por desenvolver uma produção plástica própria é sempre gratificante, já que mergulhar em cada ocupação do espaço, mesmo que seja com linhas tortas devido a algum outro tipo de limitação motora, seja de criança ou de adulto, é enriquecedor.

Por meio da arte, torna-se possível desenvolver a cognição dos pacientes e conseguir uma ampliação de funções cerebrais abaladas. Uma referência apontada por Ana é Antonio Lizárraga (1924-2009). Escultor, pintor, artista gráfico e designer, vítima de uma trombose em 1983, ele sofreu paralisia de pernas e braços, mas não interrompeu o seu trabalho. Passou a contar com a colaboração de assistentes para a execução de suas obras, ditando seus projetos sobre suportes provisórios e orientando a transposição para os definitivos.





Ana se apossa de imagens que a fascinam, lembrando que as crianças desenham antes de aprender a escrever.



© Daniel Patire

Para levar a exposição *Um pouco sobre o alfabeto* para alguma unidade da Unesp ou para outras localidades, entre em contato com cac-l@listas.unesp.br

Ouça entrevista

Veja vídeo

O artista era amigo do pai de Ana e ela acompanhou de perto o processo do artista argentino, radicado no Brasil, de passar o seu desejo de criação para uma outra pessoa executar. Refletindo sobre esse processo, não só vislumbrou caminhos de reabilitação para casos semelhantes como fez um vídeo sobre Lizárraga e participou de um congresso que estudou a sua obra.

Para os jovens, Ana recomenda paixão e perseverança. Seriam fatores essenciais para superar as dificuldades da profissão e conseguir reconhecimento em salões e no mercado. Ao acreditar naquilo que faz, um artista abre, quase sem perceber, um leque de possibilidades dentro do campo das artes visuais. Se isso torna a trajetória mais fácil ou difícil, segundo Ana, é uma outra e desafiadora questão. UC

LEONARDO FIORESI DE OLIVEIRA



A Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da Unesp de Jaboticabal, inicialmente designada Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal, foi criada pela lei estadual nº 8.194, em 25 de junho de 1964. A inauguração oficial deu-se aos 3 de maio de 1966 e o primeiro período letivo do curso de Agronomia iniciou-se no dia 1º de junho de 1966, data em que se comemora o aniversário da instituição. Os cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia iniciaram suas atividades através do Decreto Lei nº 69.418, de 25 de outubro de 1971.

Incorporada à Unesp em 1976, a FCAV se destaca pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade, tendo em vista que o município de Jaboticabal está localizado em uma das mais ricas regiões do Estado de São Paulo, cujo quadro econômico é aquecido principalmente pela produção agrícola. Convênios e parcerias com a Prefeitura Municipal, empresas e produtores rurais, envolvem professores, alunos e técnicos empenhados na melhoria dos índices de produção e produtividade, inserindo a FCAV/Unesp no desenvolvimento nacional.



JEZIO GUTIERRE



Jezio Hernani Bomfim Gutierre possui graduação em Economia pela USP, mestrado em Filosofia pela University of Cambridge, mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência e doutorado em Filosofia pela Unicamp. É professor da Unesp de Marília e Editor Executivo da Fundação Editora da Unesp

O livro digital e a pesquisa científica

Nos Estados Unidos, aproximadamente 30% do mercado editorial de não ficção são compostos por livros digitais. A pujança dessa plataforma confirma que o surgimento dos e-books não é evento passageiro ou frágil: eles vieram para ficar. E aquilo que explica seu sucesso e é mais característico desse tipo de edição – sua rapidez de distribuição, menor custo e acessibilidade – se ajusta perfeitamente às exigências da comunicação científica contemporânea. Nunca tivemos quantidade tão impressionante de trabalhos acadêmicos, que precisa ser urgentemente distribuída entre uma comunidade cada vez mais especializada e geograficamente dispersa. É nesse contexto que pesquisadores de todo o mundo são cada vez mais levados ao uso regular de publicações eletrônicas, seja como autores ou como receptores de textos.

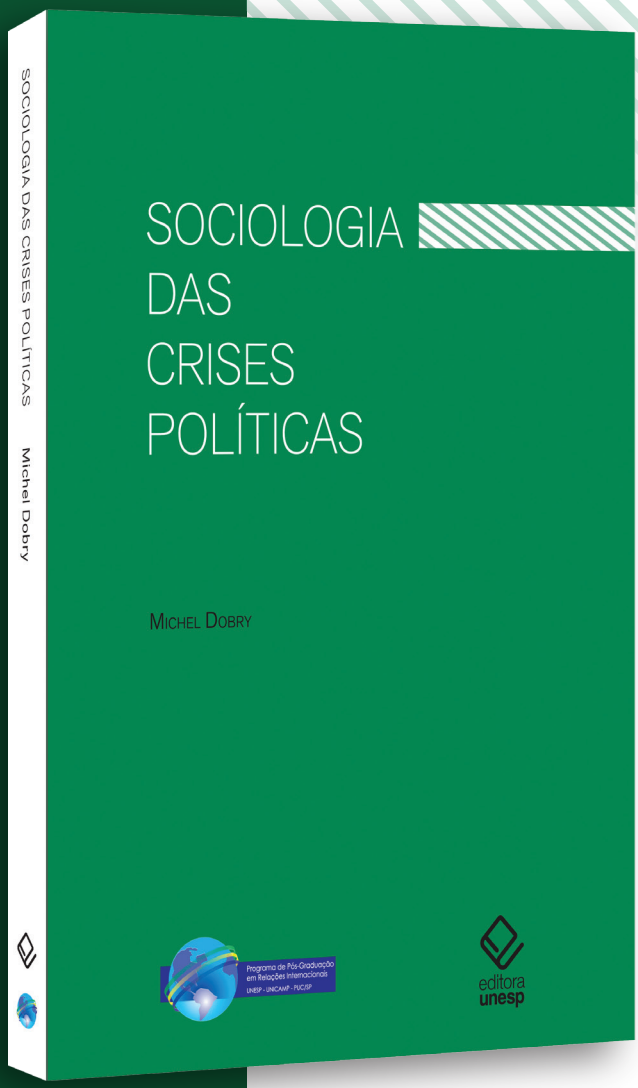
Dada a relevância da edição eletrônica, não é de admirar que as instituições universitárias tenham se dedicado a aperfeiçoá-la e a aproveitar todo o seu potencial. Universidades prestigiosas como Harvard e Amsterdam têm desenvolvido programas de acessibilidade digital gratuita, sempre com o objetivo geral de garantir a circulação da informação viva e relevante das investigações geradas por suas equipes. Nesse mesmo diapasão, desde 2012 foi estruturado no Brasil o programa Scielo Livros, que pretende abrir um nicho sólido de publicações acadêmicas de excelência, acessíveis ao público científico e a interessados em geral. Mesmo com um acervo limitado a 570 títulos, o Programa já obteve mais de 32 milhões de downloads, dos quais mais de 8 milhões referentes apenas a edições da Editora Unesp, o que, nesse último caso, lhe daria média de 45.000 downloads por título. Esses são resultados extraordinários, especialmente quando se considera que as tiragens tradicionais (papel) de conteúdos semelhantes atingem, quando bem-sucedidas, média de aproximadamente 2.000 exemplares. Esse dinamismo inédito justifica que programas de edição digital tenham sido promovidos pela Unesp ao lado de várias outras instituições brasileiras, justamente para que os pesquisadores nacionais, tanto quanto seus congêneres estrangeiros, possam se beneficiar dessas circunstâncias.

Certamente, o livro acadêmico digital não elimina problemas crônicos que o ameaçam e que vão desde a proliferação indiscriminada de títulos até as dificuldades técnicas de avaliação desses conteúdos. Entretanto, em época de tantos pessimismos, talvez seja o caso de saudar ao menos esse evento que, afinal, nos abre alternativas promissoras. UC

Sociologia das crises políticas

A dinâmica das mobilizações multissetoriais

Em uma abordagem inovadora para o estudo das crises políticas, Michel Dobry, em vez de tratá-las como imprevistos ou patologias, as compreende como a norma das relações sociais. O autor não desconsidera que tais fenômenos incluem elementos factuais ou acidentais. Porém, sua reflexão concentra-se na idealização de um esquema teórico que ultrapasse as singularidades históricas para revelar suas dinâmicas gerais.



Autor: Michel Dobry
277 páginas
R$ 64,00
16x23

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

livraria **unesp**

Referência em livros universitários

VENHA CONHECER A LIVRARIA UNESP EM SÃO PAULO!

Pça. da Sé, 108 – São Paulo/SP
2ª. a 6ª. das 9h às 19h
Sábados das 9h às 13h

livraria@editora.unesp.br



Conheça também:

Livraria Unesp Virtual
Referência on line em
livros universitários
livrariavirtual@editora.unesp.br
www.livrariaunesp.com.br

Livraria Unesp Móvel
Livros por todos os caminhos
livrariamovel@editora.unesp.br

livraria
unesp